

I N T R O D U Ç Ã O

O movimento para fundação de novos Cine-clubes, em nossos dias, é impressionante. Foi compreendido o alcance dessas instituições na formação da cultura cinematográfica, na formação da plateia. Isto deve influir, se for feito em grande escala, numa melhora da arte cinematográfica.

Por isso, com êsse surto de fundações de Cine-clubes, damos aos colegas oportunidade de conhecer essa escola para o BOM CINEMA, para, quando tiverem oportunidade, liderarem movimentos neste sentido.

Dividiremos nosso estudo em 3 grandes partes: na primeira parte abordaremos a importância do cinema, sua influência (o problema do mal) e as soluções apresentadas: proibições, críticas ou educação cinematográfica (realizada por cine-foruns e cine-clubes). Na segunda parte estudaremos a organização de um Cine-clubes, como funciona, etc. Na terceira parte, estudaremos o Cine-forum, o que é, como funciona, e, principalmente, o papel do coordenador do mesmo.

Por fim, como complemento, daremos um breve vocabulário ético e outro técnico-cinematográfico (para quem não tiver coisa melhor em mãos.)

Procuramos, neste estudo, dar principalmente normas práticas, de como fundar um Cine-clubes, de como conduzir um Cine-forum, etc.

Obrigado!

...oOo...

PRIMEIRA PARTE

O C I N E M A .

- ... importância
- ... efeitos
- ... remedios

"De tôdas as artes, a mais importante para a Rússia é o cinema", dizia Stalin.

É inegável o alcance extraordinário que conseguiu o cinema, e seu progresso, em pouco mais de 60 anos de vida. Segundo dados da UNESCO, existem atualmente 137.000 cinema no mundo, que vendem anualmente cerca de 13.000.000.000 de entradas: chamam-no "o divertimento do século".

Nem as técnicas novas, como a televisão, conseguiram, por enquanto, o alcance que tem o cinema. Com efeito, se a televisão entra nos lares, o cinema entra, de outra forma, mas ate nos lares mais pobres, porquanto a televisão, na maioria dos lugares, é quase um privilégio de poucos, ao passo que o cinema esta ao alcance de todas as posses.

O cinema, porém, interpenetra tudo. Leva ao japonês o sistema de vida Norte-americano, leva ao cubano propaganda sovietica, leva ao brasileiro o realismo frances, leva a Italia o naturalismo sueco, leva aos norte-americanos o neo-realismo e espiritualismo italiano. Qualquer cidadezinha ou aglomeramento tem lá o seu cinema, mais ou menos confortável. Difundem-se as modas, as idéias, as concepções, os costumes.

Porisso, dizia Daniel Rops: "A sala de projeção tem mais importância para o destino de um país que a cabine de votação.

E todos gostam de ir ao cinema, pequenos e grandes. O preço é acessível, o ambiente agradável, poltronas (mais ou menos confortáveis a obscuridade, a refrigeração, a música, preparam o espectador.

Durante a projeção o enredo, as novas técnicas, sempre mais atrativas, o colorido, a rapidez da ação que não permite o raciocínio, deixam o espectador "preso à tela", transformado no "mocinho", sentindo com ele, vivendo como o ator.

E o rapaz - pois principalmente aos rapazes, moços ou adolescentes, é que o cinema atrai - que foi para "encher o tempo", alheia-se ao ambiente. Com sua vontade e inteligência completamente presas à tela, ele participa de tudo o que lá acontece: torna-se um joguete do diretor do filme. Se os influxos forem bons, louvado seja Deus!..., mas, e se forem maus?...

O cinema é uma espada de dois gumes: um notável instrumento de cultura e formação; entretanto, pode veicular a mediocridade e ser fator de deseducação. Disto fala Pio XII (Miranda prorsus, §19): "Estes meios técnicos - que estão, por assim dizer, ao alcance de todas as mãos - influem extraordinariamente no homem levando-o, "graças aos ultrapotentes e desenfreados instintos que o dominam, não tanto ao reino da luz, da beleza e da nobreza, como aos domínios das trevas e da depravação, conforme o espetáculo põe em evidência e estimula os elementos dum e doutro campo" ..."

Portanto, a verdadeira função do cinema estaria em proporcionar ao homem - pois o cinema se dirige a pessoas humanas concretas - outros meios para o fim a que está apto, a felicidade eterna. É o que diz Pio XII (M.P.): "Desde os desenhos e escritos dos tempos mais remotos até as técnicas da nossa idade, devem todos os instrumentos de comunicação humana realizar o fim elevado de mostrar que os homens, também neste campo, estão ao serviço de Deus".

O cinema, pois, está muito apto a transmitir mensagens espirituais, porque "é natural ao homem chegar às coisas inteligíveis pelas sensíveis: porque todo o nosso conhecimento tem começo nos sentidos". (S.Th.I, q.109) Portanto, o "sentido da vista, sendo mais nobre e mais digno que os outros, leva com maior facilidade ao conhecimento das realidades espirituais". (Pio XII, M.P., §13)

Então, o filme deve somente apresentar coisas boas e bonitas, e educar para um otimismo assim exagerado? É a realidade? É o problema do mal? O mal pode ser apresentado na tela?

Os puritanos diriam um NÃO solene, enquanto os "modernos", "evoluídos", diriam um SIM irrestrito, "pois cinema é uma arte, logo..."

Ambos erram nas suas posições extremadas. Contra os primeiros diríamos que, sendo o cinema uma escola, os seus "alunos" devem ser formados na realidade, e não no otimismo pueril ou medíocre.

Contra os segundos diríamos que o cinema, sendo arte, está sujeito às condições das outras artes; não existe essa plena liberdade de expressão, segundo a qual a arte é campo estranho à moral. "A verdadeira liberdade consiste no uso regado da difusão daqueles valores que ajudam ao aperfeiçoamento do homem". (Pio XII, M.P., §29)

"Há independência de direito entre a Arte e a Moral. Há porém submissão de fato... A arte visa a perfeição de um objeto, a moral, a perfeição do homem; daí o bem particular (perfeição de um objeto) ser submisso ao bem comum (perfeição do homem). Visando a criar um objeto para o homem, a arte está, portanto, sujeita ao bem ou ao mal que pode trazer ao homem". (Pe. Guido Logger, SSCC - Curso de Cinema-v.bibl.)

Porisso, o cinema não tem o direito de:

- apresentar o mal como bem
- apresentar o bem como mal
- apresentar o mal só por apresentar.

E a abundância dessa espécie de filmes vem de sua facilidade de produção e rendimento, pois "enquanto a produção de figuras realmente artísticas, de cenas humanas e ao mesmo tempo virtuosas exige um esforço intelectual, trabalho, habilidade e também uma despesa grande, e é relativamente fácil provocar certa categoria de pessoas e de classes sociais com representações que excitam as paixões e despertam os instintos inferiores, latentes no coração humano". (Pio XI, Vigilanti Cura, §14)

O mal, no entanto, tem o direito de ser apresentado. Pio XII distingue bem o mal do "mal": "É natural responder negativamente a pergunta, se a perversidade e o mal são oferecidos em razão de si mesmos, se o mal representado vem a ser, ao menos de fato, aprovado; se é descrito em formas excitantes, insidiosas e corruptoras; se é apresentado aqueles que não estão ainda em altura de o dominar e de lhe resistir. Mas quando não se dá algum destes motivos de exclusão; quando o conflito com o mal e ainda a sua vitória passageira, em relação a todo o conjunto, serve para a mais profunda compreensão da vida, da sua reta direcção, do domínio próprio, do esclarecimento e consolidação do juízo e na acção; então tal matéria pode ser escolhida e servir de entrecho, como parte do conteúdo, na acção total do filme. Aplica-se aqui o mesmo critério que deve presidir a todo o género artístico semelhante: romance, drama, tragédia e toda a obra literária". (Filme Ideal, pag.25)

Portanto, para encerrar a questão, o mal apresentado é legítimo, porque existe na vida; porém, deve ater-se a várias condições: -- atitude certa do artista (como mal a evitar e não como bem a conseguir), -- mostrando as consequências funestas para o indivíduo e a sociedade; -- com o devido pudor (sem descrições desnecessárias, sugerindo apenas).

Como falamos no mal, digamos uma palavra sobre o que consiste a imoralidade num filme.

Em sentido amplo, imoralidade é a apresentação de qualquer ato que vá contra a lei natural.

Particularizando mais, há várias espécies de imoralidade:

- absoluta, ou
- relativa (quando se leva em consideração a educação, cultura, idade, etc.)

Outra divisão importante se impõe:

- imoralidade interna (quanto à ideia que se transmite) - --
- corrupção da verdade, falsa ideia da vida...
- imoralidade externa (quanto ao modo de apresentar a ideia)
nudez, cenas imorais, detalhes, etc.

A imoralidade externa, em se tratando de adolescentes, é mais influente e perniciosa; a imoralidade interna, porém, é mais perniciosa, pois vem sorrateiramente, e influi mais em pessoas adultas e maduras.

Portanto, ao se fazer uma crítica, "é necessário evitar uma crítica abstrata so das cenas sem ver o sentido, ou levar em contra so o conteúdo moral sem se ocupar da forma". (Pe. G. Logger, op.cit.)

Como vimos acima, a imoralidade é relativa em se considerando aspectos particulares, tais como idade, região, cultura e educação, etc. Como vemos, o cinema influi diferentemente conforme as condições do indivíduo: para certa idade, tais e tais cenas não convêm, enquanto que para outros mais idosos, não haverá influências, etc.

Dada essa variação de influência de conformidade com os indivíduos e personalidades, vejamos os que frequentam o cinema, se os podemos classificar em uns tantos grupos, conforme o comportamento de tais indivíduos perante o cinema.

Esta matéria assim dividida, pode ser encontrada no livro de José Rafael de Menezes: "Caminhos do Cinema".

- 1) Habitué, que se divide em:
 - a- viciado - indivíduo que vai a todo o lançamento; tem sede de imagens. Acabara com uma intoxicação filmica.
 - b- sabatino ou domingueiro - iguala-se ao viciado na inconsciência do que vai assistir; habituou-se a ir nesses dias...
 - c- doméstico - o que vai so em determinado cinema, ou por tradição, ou parentesco, ou circunstâncias, as vezes indeclináveis. É outro "habitué".
 - 2) Diletante: para ele o cinema é diversão. Escolhe os piores filmes. Título sério, crítica elogiosa, etc... já são condições para que ele não apareça, ou apareça e saia logo depois, falando em monotonia, abacaxi, etc.
 - 3) Fan: aquêle que se utiliza de artistas preferidos (fans) para a escolha de filmes. É certo que as vezes é bom guiar-se, p.ex., pela fama de um Gary Cooper, Gregory Peck, Montgomery Clift; com estes vale a pena um filme. Mas, infelizmente, estes espectadores são as grandes vítimas e os orientadores da propaganda de Hollywood - e Cine-Cita - o que representa um grande dano para o nível da produção (filmes comerciais), como também para a moralidade publica...
 - 4) Exclusivista: espectador metropolitano. Dividem-se em:
 - a- por nacionalidade - so assiste a filmes americanos, só franceses, so russos, ou so brasileiros, etc.
 - b- por gênero - só documentários, so comédias, so "far-west", ou so policial, etc.
 tais espectadores tem consciência do que vão assistir, mas consciência temperamental, o que vai ajudar o mau cinema.
 - 5) Contaminado: que vai por opinião do vizinho, ou pelo título, ou pelo "trailer", etc...
 - 6) Refugiado: estes são "como ratos que fogem da vida"; sofrem de uma fugacidade doentia, um suicídio por algumas horas, um mergulho no nirvana de sombras... Pode existir como causa, as mais variadas razões. É um tipo de espectador sem o mínimo de consciência em relação ao que vai assistir, ele precisa de uma fuga, ou dos outros ou de si mesmo...
 - 7) Eufórico: posição inversa à anterior: este vai ao cinema para celebrar um êxito qualquer.
- Nestes dois últimos casos "há um imperativo pessoal ou doméstico para se ir ao cinema: o resto pouco importa! Nisto está o erro".
- 8) Complexado: tipo doentio que vai ao cinema para satisfazer seus baixos instintos; "não perde um filme erótico, e, durante a projeção, manifesta-se em atitudes plúviciáveis". É um tarado!...
 - 9) Oportunista: é o que entra enquanto a chave não passa, o que vai assistir um pedacinho até a hora do trem ou do onibus. Isto se dá muito em cidades grandes.

10) O ESPECTADOR CONSCIENTE: para sintetizar a definição desta qualidade de espectador, deixemos a palavra ao crítico francês Georges Damas, citado por J. Rafael de Menezes: "... nunca ir ao cinema como se procurasse um "ópio mental", mas ir ao cinema para "ver", isto é, apreciar a fluidez das imagens, seu encadeamento, a oportunidade de um primeiro plano, ... permitindo-lhe compreender que aquilo que contempla expressa as idéias, as concepções de um autor, os pensamentos de um diretor, as teses de um cenarista, ... então as vantagens serão imensas; inclusive para o cinema que progredirá artisticamente, e para a moral principalmente..."

- - - - -

Vimos a importância do cinema no mundo hodierno, e sua influência; por causa da mesma examinamos o problema da apresentação do mal no "ecran", lançando breve olhar para a questão da arte e moral, e sobre os vários graus de imoralidade; vimos porém que a influência boa ou má depende também de alguns fatores externos, tais como circunstâncias de lugar, tempo, idade, e fatores individuais, tais como educação, cultura e outros mais; por isso lançamos um olhar sobre os frequentadores, analisando suas atitudes e suas influências no cinema e do cinema sobre eles.

De espectador para espectador, portanto, há uma diferença de emoções e reações; nuns existe maior receptividade, noutros menos, o que depende não só - como vimos - do poder de um filme, de suas imagens, mas também da atitude do espectador, de seu preparo.

Pelo que acabamos de expor, compreende-se que nem todos podem assistir a todos os filmes, pois muitos diretores não seguem as palavras de Pio XII sobre a liceidade da apresentação do mal, e apresentam no desabridamente.

Como daremos uma solução para este caso, pois o cinema é frequentado por todos, jovens e velhos, crianças e homens maduros?

Várias são as soluções apresentadas:

1)- Proibições: - é o que o Governo realiza com as censuras: proibido até 10 anos, até 14 anos, ou 18 e mesmo, antigamente, até 21 anos de idade.

Parece-nos que a mesma solução - embora deva existir para evitar abusos - não soluciona sozinha, pois, além de provocar curiosidade, contraproducente, muitas vezes a censura é feita por gente irresponsável; além disso, não se faz distinção alguma entre idade física e idade mental. Finalmente, sabemos como e de quais modos essa vigilância é burlada, pelos porteiros, e tolerada por juizes de menores incompetentes...

2)- A crítica cinematográfica - já muito difundida em todos os jornais: pena que nem sempre os críticos são competentes, senão tecnicamente, ao menos moralmente. Ou eles só se absteem em criticar a beleza artística do filme, ou, só vem as idéias, desprezando as imagens que querem mostrar essas idéias...

A Igreja Católica também promove tais críticas. Pio XI já dizia na "Vigilanti Cura": "é imprescindivelmente necessário que os Bispos criem, em cada país, uma Junta Nacional permanente de revisão..." No Brasil já foi criada essa Junta Nacional, subordinada diretamente CNBB, que tem por sigla: SIC = Serviço de Informações Cinematográficas. (*)

(*) Endereço do SIC: Rua da Glória 446 - Rio de Janeiro (GB)

Pio XI ainda dizia: "Isto exige confecção de listas e sua publicação regular, em forma de boletins, em que, amiúde, se classifi -- quem os filmes em forma acessível a todos."

Neste sentido é que o SIC vem publicando fichas de informação de filmes. Todos os filmes que entram no Brasil são examinados por uma equipe, dirigida pelo Pe. Guido Logger, SSEC (Diretor), e sobre os mesmos são emitidas fichas. (*) Estas contêm: Ficha técnica do filme (diretor, produtor, cenaristas, etc), o enre valor artístico e apreciação moral; além disso de notas aos filmes, segundo o bom critério de idades-mentais. As notas assim estão constituídas:

- 1 - todos
- 2 - adolescentes
- 3a- adultos
- 3b- adultos com reserva
- 3c- prejudicial
- 4 - condenado

Tais cotações morais não proibem sob pena de pecado, mas são um conselheiro competente que devemos seguir.

Sem dúvida alguma, esta solução é também indispensável como a primeira, para os que querem ir ao cinema bem informados e sabendo o que vão assistir. Infelizmente, ela não basta.

Agora, temos a terceira solução, que nos parece a mais eficaz, e será objeto dos nossos estudos sobre Cine-clube e Cine-forum.

3)- FORMAÇÃO DE GRUPOS CULTURAIS :- sem dúvida, esta última solução, que vem como que complementar as outras, é muito indicada, e de muita aceitação em nossos dias. Esta educação esta-se concretizando em forma de Cine-clubes e Cine-foruns.

Já Pio XII, na sua última encíclica sobre cinema, "Miranda prorsus" de 1957 diz-nos: "Para, em tais condições, poder o espetáculo desempenhar a sua função, requer-se esforço educativo que prepare o espectador. Que o prepare para compreender a linguagem própria de cada uma dessas técnicas diversas, e para dispor de tal formação de consciência que lhe permita julgar com ponderação os varios elementos oferecidos pela tela e pelo alto-falante, e, assim defendido, não lhes ir sofrer passivamente o influxo, como muitas vezes acontece."

Portanto, o fim da educação cinematográfica é "formar para assistir duma maneira consciente e não passiva aos espetáculos fara diminuir os perigos morais, permitindo ao mesmo tempo ao cristão aproveitar de todos os conhecimentos novos do mundo para elevar o espírito ate a meditação das grandes verdades de Deus." (Pio XII, M.P., §65)

Que o espectador escolha conscientemente os filmes que vai assistir, que entre no cinema como numa aula - muito interessante, alias - para beber de boa fonte e não beber agua estagnada e putrida! Tudo isto é conseguido pela educação cinematográfica.

Esse será o nosso apostolado futuro com relação ao cinema: fomentar ou mesmo criar grupos de cultura cinematográfica.

Esta é a razão dêste ensaio, dêste estudo que lhe apresentamos - para que você saiba o mecanismo de um Cine-clube, o funcionamento de um Cine-forum, que são os grupos culturais mais em voga - para mais tarde saber fazer apostolado cinematografico "de gente grande". Por isso é que dizia Pio XII: "Estas iniciativas, seguindo as normas da educação cristã e sendo dadas com competência didática e cultural não só

(*) o seu preço anual, atualmente, é de Cr,\$ 400,00 (v.end.SIC.pag.anterior)

merecem a nossa aprovação mas também o nosso decisivo encorajamento para que sejam expostas e explicadas nas escolas e nas universidades, nas Associações católicas e nas paróquias". (Miranda prorsus, §64)

Eis aí o campo extenso para o seu futuro. A Igreja está desperta para esse problema, e são numerosos os religiosos que lideram movimentos de tal natureza, no Brasil. Para motivo de ilustração: alguém observava, com espanto, na IIIª Jornada de Cine-clubes brasileiros, que "dos nossos Cine-clubes chamou-nos a atenção o grande numero de clérigos trabalhando e dando ampla divulgação ao cinema cultural, difundindo-o em colégios, Cine-clubes, com todos os requisitos exigidos em suas finalidades... tendo ao todo mais ou menos 16 padres e missionários e 4 irmãs..." (Curumin, jornal do Clube de Cinema de Marília, nº 50/51 março-abril).

Apresentamos, a seguir, algo sobre - CINE-CLUBE (2ª parte)
- CINE-FORUM. (3ª parte)

Muito obrigado !

...oOo...

I

SEGUNDA PARTE

C I N E - C L U B E

Damos aqui o modo de se formar tais grupos de cultura cinematográfica. Procuraremos seguir o lema de mostrar como se principia um Cine-clube, os perigos que se devem evitar, alguns conselhos, como legalizar juridicamente um Cine-clube, etc.

Não tive muitas experiências nesse campo. Porisso me refugiei em citações das obras que consultei, quase que buscando um apoio na autoridade dos autores.

Pereço especial atenção para a exata finalidade do Cine-clube: não é formado de estetas ou puros artistas, nem é um clube moralista. O clube atinge os dois campos, mas quer formar a cultura cinematográfica. Essa ideia esta bastante desenvolvida nesta parte do trabalho.

Dividiremos esta parte em 11 tópicos:

1. Definição
2. Esboço histórico
3. Objetivos - meios
4. Corpo administrativo
5. Formas e métodos
6. Perigos e soluções
7. Elites abertas
8. A Igreja e o Cineclubismo
9. Cine-clube Católico?
10. Legalização do Cine-clube
11. Modelo de Estatuto

1. DEFINIÇÃO

Carlos Ortiz, em "ABC Cinematográfico", define Cine-clube: - "Instituição destinada ao estudo dos problemas históricos, críticos, técnicos e estéticos do cinema. Os cine-clubes tem socios, organizam cursos, conferencias, projeções de filmes e debates".

Parece-nos que o sr. Carlos Ortiz se esquece que um filme tem uma mensagem, pela qual se torna um "escola-educacional" e não só "escola-de-ensino"; esquece-se também que é nessa parte que o cinema influi mais nos espectadores... Esse cine-clube seria de "estetas"...?

Nem nos agrada totalmente R.P. Desplanques, em "Iniciação ao Cinema", quando define: "Associações que reúnem apreciadores de cinema, eles permitem assistir regularmente a projeção de filmes particularmente interessantes do ponto de vista cultural." (pag.177)

Para o nosso ponto de vista, cremos não ser suficiente esse mero estudo do cinema em si. Para nos, interessa-nos mais o aspecto pratico, ou melhor, "pastoral": o efeito do cinema nas pessoas, e a educação para tal; porem, não devemos deixar de lado o aspecto artistico e cultural.

Assim, lemos nos Estatutos do Cine-clube Pio XI, da Academia S. Paulo, o seguinte: "O Cine-clube tem por finalidade 'trabalhar pelo bom filme dentro dos mais solidos princípios cristãos.'"

Devemos especificar ainda mais o objetivo. Trabalhar pelo bom filme, é um efeito mais posterior. Far-se-ia necessário antes outro ponto, um fim primário, mais imediato. Vamos encontrá-lo no Curso de Cinema, de Humberto Didonet:

"Cine-clube... é uma associação organizada em caráter permanente para promover a cultura e educação cinematográfica".

A cultura e educação cinematográfica!

Como objetivamos na primeira parte deste trabalho, a educação cinematográfica é o melhor meio de neutralizar os efeitos negativos do cinema, e positivar os bons

Concluindo, podemos definir finalmente um Cine-clube como:

"Uma sociedade civil de direito privado, com a finalidade de trabalhar para o bom cinema, promovendo a cultura e educação cinematográfica nos seus socios".

Para a nossa finalidade, para a finalidade de um Cine-clube católico, poderíamos acrescentar... "dentro dos princípios cristãos".

2. ESBOÇO HISTÓRICO -

Nem sempre o Cine-clube teve essas características de móvel da educação cinematográfica.

A sua história é breve.

O movimento chamado "Avant-garde", ou Vanguarda, no cinema francês, originou-se como reação ao cinema comercial, que comprometia a "Setima Arte".

Com essa reação, surgiram muitos filmes artísticos, abstracionistas, realizados pelos fautores do "cinema puro". Estes filmes não tiveram aceitação, o que começou a impacientar os produtores (= os que entram com o capital).

Buscou-se uma solução média.

"Abriram-se então, em Paris, salas especializadas, Les Ursulines. Dirigidas por M. Tallier e M. Mirga, que até em 1927 chegavam a intercalar nos seus programas uma película antiga para que o público pudesse compreender o esforço que o cinema houvera tido para atingir a perfeição daquela época". (Jorge Pelayo, cit. por J. R. de Menezes, op. cit.)

O público, porém, se revoltava. Durante a projeção dessas películas abstracionistas, avantgardianas, artísticas, surrealistas, propriamente rompiam em vaias e assobios.

Foi cortado da programação normal tais películas.

Os estetas, descontentes, isolaram-se e resolveram assistir e apreciar em salas separadas a produção artística da época. Nasceram assim tais reuniões que se chamam "Cine-clubes"...

No Brasil, diz uma publicação do Geicine, existiam grupos (embora não haja documentação comprobativa) com as mesmas finalidades, em 1915! Orientava então o grupo o crítico cinematográfico Pedro Lima.

A partir de 1928, intelectuais se entrosaram, por meio do "Chaplin Club", com esse movimento de 1915.

Creio porém que não foi com as mesmas características francesas, mas foi mais no sentido que hoje damos ao Cine-clube; senão isso, pelo menos seriam como que círculos de apreciadores de cinema.

3. OBJETIVOS - MEIOS

Depois, na definição de C.C. o objetivo a alcançar: a educação cinematográfica e cultura cinematográfica. Desse modo trabalhamos pelo bom cinema.

Portanto, o objetivo fica equilibrado. Ficamos entre os estetas, aos quais interessa o "cinema puro", e os que insistem em fazer do CC somente uma escola de moralidade.

Com tal programa, alcançaremos melhorar o cinema, no seu lado tecno-artístico e no seu aspecto moral.

Mas, como assim ?

Pelo trabalho de educação. Com a educação cinematográfica vamos neutralizar desde já o mau cinema, e formamos uma plateia que irá exigir dos produtores e diretores espetáculos melhores, tecno-artístico-moralmente falando. Pois há uma (única) intercomunicação entre as estruturas e as mentalidades. Assim como as estruturas formam as mentalidades, assim também mentalidades podem fazer desmoronar estruturas... e é o que pretendemos. Em nosso caso, no cinema, e em nossa situação, no Brasil, seria pueril querer atacar as estruturas, as altas rodas de Hollywood ou Cine-cittá. É melhor solapar...

É uma programação, em ritmo lento e seguro, poder-se-ia fazer deste modo, nesta escala abaixo. Seriam quase fins próximos a alcançar, subordinada ao fim último, o "bom cinema";

a)- Difusão da cultura cinematográfica:-

1 - Formando seus sócios.

2 - Trabalhando na educação das plateias.

b)- Orientação do público na escolha de seu programa.

c)- Programação de bons filmes.

d)- Formação de críticos e técnicos cinematográficos, na medida do possível.

e)- Aplicação do cinema como meio de educação MORAL E INTELECTUAL.

Com que meios contará o CC para realizar essa programação extensa ?

Tomando daqui e dali, podemos reunir os seguintes meios, uns mais fáceis e próximos, outros mais difíceis e remotos:

1.- Projeção de filmes que propiciem debates.

2.- Debates, em forma de Cine-foruns: torca branca e volitiva de idéias e pontos de vista, em que se faz análise técnica, artística e moral do filme em questão (sob a luz da filosofia e teologia católicas).

3.- Essa análise poder-se-á realizar também com filmes e cartaz na cidade.

4.- Organização de debates, entre os sócios, sobre questões gerais de cinematografia, tais como: teoria e técnica do filme, estética, ética e história, etc...

5.- Promoção de conferências ou cursos sobre assuntos cinematográficos.

6.- Formação de Biblioteca, fichários ou mesmo Filмотeca sobre o assunto.

7.- Colaboração em revistas e jornais.

8.- Colaborar com o Magistério para a valorização cultural do cinema nos estabelecimentos de ensino.

Assim poderíamos enumerar outros; o leitor poderá verificar no Estatuto padrão que daremos no fim desta 2ª parte.

4.- CORPO ADMINISTRATIVO:

Geralmente, todos são concordes quanto a isso. Ligeiras modificações não modificam a estrutura.

O leitor poderá encontrar bem desenvolvida esta matéria no próprio Estatuto (fim da 2ª parte, nº 11)

5.- FORMAS E MÉTODOS:

Evidentemente, os mesmos estatutos não podem servir para toda espécie de CC. Nem servem as mesmas atividades...

Há diversas formas e métodos de CC, o que exigirá de você, leitor, a adaptação devida para os diversos casos. Assim:

- Há CC especializados por gêneros raros.
- classificados por idades: crianças, adolescentes, etc.
- por grupos sociais: operários, estudantes.
- clubes com ideologia definida: marxista, católico, etc.
- clubes sem ideologia definida, indiferentes.

Métodos tb. existem muitíssimos, por ex.-

- a seleção dos filmes é eclética, ou não.
- a união com os CC em federação, geralmente feita para obtenção de filmes.
- tendência para intercâmbio, o maior possível, de experiências e material.
- projeções com cine-forum ou não, antes ou depois, etc.

6. PERIGOS E SOLUÇÕES

Pelo que ficou acima exposto, podemos entrever desde já algumas dificuldades e alguns perigos a evitar, e as soluções a apresentar.

Para este pequeno capítulo, apoiamo-nos em um artigo publicado no "Estado de São Paulo", num de seus suplementos Literários. A data nos é incerta. O artigo: "Do Cineclubismo", de autoria de Jean Claude, Bibliotecário da Cinemateca Brasileira, em S. Paulo.

Gremos muito oportuno o artigo, e as citações que faremos neste capítulo, sem indicações, se referem ao mesmo.

Após breve introdução diz o autor:-

"É preciso, pois, tentar descobrir, o que o vocábulo "Cine clube encerra. Hoje todos vão ao cinema, e inegável. O cinema já faz parte da vida íntima da maioria dos homens. O Cineclubismo não pode por tanto visar a divulgação do cinema. O seu fim é a divulgação da cultura cinematográfica. Pode agir de dois modos: junto ao público e junto aos autores de filmes":

Desta dualidade de função dos CC advém toda a celeuma a respeito dos fins, do CC, das suas atividades e funcionamento.

Como dissemos acima, nós temos, para um CC com ação junto ao público. Mesmo na França, onde nasceu esse movimento, como uma reunião de estetas, esse conceito está caindo e sendo substituído pelo agir junto ao público.

Em "Caminhos do Cinema" podemos ler uma citação de Claud Remont, que dizia, na "Revista Internacional del Cine" (novembro 54): "O cinema tem um posto demasiado importante na nossa atual civilização, para que se possa ignorá-lo ou depreciá-lo. Tem-se desenvolvido com excessiva rapidez, e o público em geral não tem tido tempo de adaptar-se a ele. Por esta razão temos que ajudar o público a compreender o cinema

E esta é sem dúvida a mais bela tarefa dos Cine-clubes". (J.R.Menezes, op.cit., p.183)

O autor em que nós nos baseamos, passa então a dar um exemplo, de como essa dualidade influi muito. Toma com exemplo, rico em ensinamentos, as atividades do Cine-clube do Centro D.Vital.

Diz êle que êsse Cine-clube nasceu de um grupo de cinéfilos, de sejosos de abraçar a carreira mais tarde, que decidiu unir-se para discutir filmes em cartaz.

Estabeleceram o dia e hora da semana em que estariam reunidos. Isto permitiu que outros (que não eram do grupo primitivo), também cinéfilos, mas não seguidores da carreira cinematográfica, unissem-se a eles. O numero dos aficionados variava de 10 a 40. Porém, somente o nucleo central era coerente, e harmonioso nas suas concepções. Via de regra, com raras exceções, estabelecia-se entre os fundadores e os adeptos monólogos paralelos, e não diálogos, pois o que para uns era e seria seu "modus vivendi", atividade primaria, para outros era fonte de lazer e atividade meramente secundaria.

Essa situação foi-se agravando. Por um lado os meros "simpatizantes" procuravam um Cine-clube do primeiro tipo, isto é, um órgão - que atingisse o publico, enquanto o que o grupo fundador tinha necessidade era de uma ação sobre o cinema".

"Ora, êste grupo nunca deu um passo para abandonar, momentaneamente e com um fim pedagogico, as suas posições, e admitir, sempre numa intenção didática, as dos outros. Quando falamos a uma criança, ou a uma pessoa alheia ao assunto, se quisermos ser compreendidos, temos de nos por ao seu nível. Isso não se fez no Centro D.Vital".

"Êsses jovens estavam demasiado ocupados em buscar, no cinema existente e em si mesmos, a arte com que sonhavam".

A consequência foi a cisão em dois grupos: os fundadores (como na "Avant-garde" constituíram um círculo restrito a que chamaram "Buñuel elect", independente do D.Vital.

Não condenemos êsse grupo de jovens estetas. Para o artista não há limitações. O seu grupo formou-se com uma amizade através do cinema. Uma amizade, um modo comum de ver tudo e tudo ligar ao cinema, unem-os. O perigo é de que se tornem in Igrejinha, esclerosando-se em várias discussões e palavras ocas. "Mas se escapar a esse perigo adquirira a mais alta importância, pois é ele que renova o cinema. Age diretamente sobre os diretores, age sobre os críticos, e sobretudo forma novos cineastas. Um grupo desse genero originou a "nouvelle vague" -- francesa".

Êste último tipo de Cine-clube pouco nos interessa. Nosso fim quase pastoral exige o outro modo.

Êsse modo procura a formação do público, variando em gêneros e maneiras. O principal, porém, é a cultura cinematográfica que se pretende imprimir em seus associados.

Aquí, origina-se nova confusão. No que consiste essa "cultura"? Como realiza-la?

Para alguns significa cultura pelo cinema; para outros é o conhecimento das fitas de valor; outros ainda querem "dar uma cultura pelo cinema com auxilio de filmes culturais".

E geralmente, então, nos CCs, ensina-se tôdas as palavras tecnicas da linguagem cinematográfica, um "travelling", ou uma "panorâmica"; ensina-se por meio desses filmes artísticos a ver que isto é um grande plano, que o enquadramento está ou não perfeito, etc.

Condenamos tudo isto? Não inteiramente, mas...

"Mas uma vez aprendidas essas noções o resultado não é muito, a lentador. Podemos transformar um filme numa série de movimentos de câmara, de planos, mas isso não significa que o compreendemos. A gramática cinematográfica é inútil para os que não pretendem tornar-se especialistas (certamente inútil também para os que o pretendem); além disso, é nociva, pois, pela sua aridez, arrisca a afastar os espectadores do cinema, ou melhor, do CC: antes, o filme era um divertimento, eis que se tornou cacete; pois ela pode dar a impressão de que compreendemos quando não compreendemos nada."

E o nosso articulista vê os programas do nossos CCs do interior, e fica desalentado. Parece que a única preocupação dos mesmos é ver filmes antigos, que muitas vezes só têm valor histórico ou documental. E dizem que as atividades de tais CCs se dirigem para um público de nível cultural baixo !?

"Não acredito muito no reconhecimento espontâneo e imediato da obra prima: esse reconhecimento pressupõe cultura e sensibilidade desenvolvidas. É um erro afirmar, a quem admira os santinhos do catecismo, que Rafael é superior..."

... É preciso conduzi-lo a um estado em que possa escolher entre Rafael e os santinhos, em que estes sejam insuficientes. Não se pode chegar a esse resultado senão usando as armas das pessoas que se quer transformar. Por conseguinte, não é mostrando clássicos que se formará uma cultura cinematográfica, nem uma cultura pelo cinema."

Caso similar se dá com a Pedagogia Catequética. Adaptação à mentalidade!...

"Que significa projetar Eisenstein para quem só vê "westerns" que lhe oferecem um momento de prazer que os intelectuais apressadamente consideram superficial. Ora é exatamente esse espírito da maioria dos Cine-clubes atualmente."

Após apontar os defeitos encontrados e os perigos abismando-se dos dois lados dos Cine-clubes, começa o autor a apontar possíveis soluções genéricas.

1ª SOLUÇÃO :- "o Diretor de um Cine-club que se dirige a pessoas de baixo nível cultural deve desfazer-se do seu preconceito cultural. Em seguida, deve convencer-se de que não pode combater a incultura senão com as armas da incultura."

Se o pessoal gosta de "far-west", pode ser que em parte seja por causa da propaganda; mais, no fundo, porém, encontraremos uma maneira de evasão. "Mas como não há evasão sem modo de evadir-se, o diretor do Cine-club deve procurar qual é esse modo. Quando o tiver pressentido, sabera como penetrar dentro daqueles que quer orientar, e elevá-los. Então já não terá a impressão de guiar um rebanho. Aos poucos, imperceptivelmente, essa obra de elevação realizar-se-á a dois: o guia e a pessoas guiada. Digo tudo isso porque estou convencido de que hoje, no interior do Brasil, pois é o que nos toca mais de perto, não chegou a hora de dar a conhecer Eisenstein. Pois importa antes de mais nada dar às pessoas a possibilidade de serem felizes, de formar um gosto pessoal, a possibilidade de não aceitar tudo, mas de escolher entre duas coisas..."

A base do autor, encontra-se nestas entrelinhas, que justificam sua, e a nossa, posição com relação ao Cine-club:

"O CINEMA NÃO DEVE SER ENCARADO COMO FENÔMENO CINEMATOGRAFICO, NEM MESMO COMO FENÔMENO ARTÍSTICO? MAS COMO A POSSIBILIDADE DE ADQUIRIR O EQUILÍBRIO, A LIBERDADE, A POSSIBILIDADE DE TORNAR-SE HUMANO."

Do acima exposto, deduzimos a:

2ª SOLUÇÃO:- MÉTODO - "O método formar-se-á lentamente em contacto com as pessoas que deverão ser orientadas; adaptar-se-a, moldar-se-a a idade, a condição social e cultural, a atividade profissional dessas pessoas. O orientador não será obrigatoriamente um especialista de cinema. Tera sobretudo intuição, sensibilidade, paciência, sa-bera interpretar as reações do seu publico. Em suma, o essencial é que se considere nunca a serviço do cinema, mas ao contrario, a serviço - das pessoas que resolveu orientar."

Essa frase final define a posição a tomar ao fundar um CC. Po-de ser que mais tarde, possa haver o reverso da frase, quando todos os socios estiverem suficientemente "cultuados" e for possível uma ação sobre o cinema. Mas, como nem todo o publico sera do CC, o principio nunca devera ser esquecido.

3ª SOLUÇÃO :- "Que não se esqueça nunca de que o cinema deve permanecer e tornar-se cada vez mais um prazer, que o Cine-clube deve ser procurado como um lugar em que a pessoa se sente melhor, em que - sente, que não é bicho. Que não substitua os gostos cinematograficos de seu publico pelos seus proprios: mas parte do ponto em que se encontra esse publico, do que ele ama, do que ele compreende..."

4ª SOLUÇÃO :- PROGRESSÃO - "E também porque sua orientação de-ve ser concreta, o lugar mais importante sera reservado as projeções, e toda indicação, toda informação partirá de um filme: Agradou? Quais as imagens preferidas? etc."

Para início, boas fitas narrativas, ou de assuntos ligados as suas atividades profissionais; ou senão procurar contraste com filmes de enredo inverossimil, policiais ou "western", ou filme de 3ª categoria, "esse tipo de filmes americanos mistura muitas vezes uma psicologia mais fina e realista do que se imagina, com uma forte dose de sonho."

Porém, devem atender a isto: Se um tipo de filme for mal recebido, cuidado! a programação deve ser mudada o quanto antes.

Pois, o grande conselho é este:

"Não se pode organizar um programa senão em função de UM PÚBLICO determinado."

Se houver nível mais alto no público, poder-se-á passar coisa melhor, mas sempre progressivamente. Pois, diz-nos o autor, "Qual foi o numero dos estudantes da Escola Paulista de Medicina que apreciou as obras de Mac Laren? Muito reduzido. A cultura cinematografica não tem foros de cidadania numa metropole como São Paulo, mesmo junto aos es-tudantes".

Aprofundando ainda mais o pensamento, nosso articulista chega à conclusão: "E certo que para elevar o nível de compreensão cinema-tografica de um publico, é indispensavel que se encontre na fita um in-teresse extra cinematografico."

Para dizer isto, baseou-se ele nas atividades realizadas com bastante tato, e com bastante repercussão, pelo CC Sedes Sapientiae - nesse sentido.

Finalizando o artigo, tece algumas considerações sobre a pos-sibilidade de os dois tipos, supra expostos, de CC se coincidirem de certa maneira.

Ambos os CCs devem trabalhar para "elevar o nível cultural da produção cinematografica, fazer com que o cinema se torne de fato uma arte e seja entendido, tenha um publico".

De que modo poderá haver tal colaboração?

"E se os dois tipos de CC não podem nem devem fundir-se, devem colaborar: os Cine-clubes largamente abertos formam o público e permitem também conhecer as suas aspirações, as suas exigências. Os Cine-clubes de iniciados devem levar em conta esse fato", e influir nas altas "rodas" produtoras.

Particularmente, isso caberia falando-se do cinema nacional. Melhorar o nível da produção do cinema nacional.

Deixemos estas últimas palavras ao autor, pois diz melhor, que nós, e bastante bem a localização e a solução deste problema: "Há finalmente outra tarefa em que podem colaborar os dois tipos de Cine-clubes: o desenvolvimento do cinema nacional. Louis Dacquin, num artigo publicado no livro abaixo citado ("Regard Neuf sur le Cinema", ed. du Seuil, p953), afirma a importância dos CCs na batalha travada na França contra o cinema americano. Com efeito, o CC pode ser uma tribuna em que os cineastas expõem os seus problemas, a situação em que trabalham. Dacquin exprime a necessidade de orientar as programações num sentido que valorizaria a produção nacional. Ainda é difícil fazer o mesmo no Brasil. Não obstante, o público pode, com a ajuda do orientador, tomar consciência de que poderiam existir filmes que exprimissem mais plenamente a sua realidade, as suas aspirações, a sua língua, e depois exigí-los, e esses filmes seriam brasileiros."

7. ELITES ABERTAS -

Nesta altura do trabalho, há lugar para fixarmos definitivamente a nossa posição perante o problema, elaborando, em resumo, a base do Cine-clube, e como começar a agir.

Como dissemos no começo, o CC é uma organização jurídica, destinada a trabalhar pelo bom cinema, educando e formando na cultura cinematográfica seus socios, dentro dos princípios cristãos, por meio de atividades definidas.

Repugnamos, depois, a ideia de um CC de estetas, grupo de esnobes, fazendo de tudo para manterem-se isolados, procurando o "cinema puro", sem procurar o cinema-escola-de-vida.

Não nos atraiu também um CC a pregar moralidade por todos os poros, em infintas advertências e cotações morais; estes se esquecem de que "não podemos mais pedir aos cristãos que haja uma disposição mais severa em matéria de moral se não lhes proporcionarmos uma boa formação e educação integral. O cineclubismo influi porque não improvisa. O cineclubismo atua no meio porque motiva e planeja". (Ivo Mauri, in "O Seminário", nº1, 1961 - "O Cineclubismo")

Onde está nossa posição? Qual o cume, por assim dizer, entre as duas posições falsas?

Aquí transcrevemos uma frase já citada no capítulo anterior: - "O cinema não deve ser encarado como fenómeno cinematográfico, nem mesmo como fenómeno artístico, mas como a possibilidade de adquirir o equilíbrio, a liberdade, a possibilidade de tornar-se humano".

"A cultura cinematográfica torna-se realmente um conjunto de conhecimentos que lhe deem capacidade de utilizar-se do cinema como meio de perfeição pessoal e social. Será verdadeira cultura se for verdadeiramente humanismo, isto é, integrada como valor na pessoa humana. ... O movimento cineclubista e principalmente o cristão, deve ter definida a preocupação pelo conteúdo da película... O equilíbrio harmonico dos valores faz o exame estético da obra em função da interpretação mais exata do conteúdo. Preocupação pelo conteúdo esclarecida por uma posição definida diante dos valores..." (Ivo Mauri, op.cit.)

Porque nós temos qualquer coisa a dizer e uma maneira própria de solucionar os grandes problemas.

Eis aí o grande objetivo nosso.

O espectador não é um artista, nem um sujeito que se sustenta só de princípios morais. É um sujeito inteiro, um todo, influenciado pelo meio, pela idade, pelas ocupações, pela educação, pelos problemas, etc... E é este homem todo que queremos atingir, pois o cinema atinge-o desse modo. Devemos despertá-lo e dizer-lhe: Pare, amigo! Vamos refletir! O "negocio" não é assim, não!...

Como atingiremos o homem no seu todo, e todos os homens?

À primeira respondemos: O Cine-clube aí está!

À segunda pergunta... bem, cabe aqui um problema interessante. Como atingiremos a massa? Reunindo-a toda num só Cine-clube? as ELITES ABERTAS parecem-nos a melhor solução.

Repare que já estamos falando de um CC cristão, ideal para o nosso caso. Demos um salto, um voo pindárico, por assim dizer; mas tudo isso se coaduna com a própria problemática geral de um Cine-clube.

Que seria um ELITE ABERTA? É aquela mesma elite que se forma em todo movimento de Ação Católica, aquele fermento na massa.

Dizíamos que o CC deve atingir o público. Mas todo início exige um grupo de entusiastas, dos quais vai depender a vida do movimento, assim como a continuação do mesmo. (Que essa minoria, porém, seja aberta!... e não "igrejinha")

José Rafael de Menezes, op.cit., diz sobre este problema: "Num meio como o nosso sobretudo... os Cine-clubes deveriam ser, em primeiro lugar, escolas formadoras de equipes, das já referidas Minorias proféticas e Dinâmicas".

Dessas minorias "dinâmicas e proféticas" dependerá o sucesso do movimento; elas levara-lo-ão às costas, e farão com que outros desfrutem o prazer, sem o peso, que os faria desfalecer.

"Quem quizer compreender o cineclubismo precisa imbuir-se de uma mentalidade baseada na técnica dos grupos humanos. Precisa ter a mentalidade da Ação Católica especializada, a visão objetiva do seu método: Fermento na Massa." (Ivo Mauri, art.cit.)

A obrigação de ser fermento, é absolutamente indispensável para tais ELITES. Pelo fato de um membro do CC escrever artigo para um jornal e alguns outros manterem um jornal mural com fichas filmográficas, não se segue que haja CC eficiente. É necessário a formação de líderes, e você sabe o que é um líder.

A dupla atividade do CC, a de influir sobre os espectadores, sobre o público, primeiro, e a de influir o cinema nas suas estruturas, posteriormente, estará totalmente "condicionada a compreensão exata do que é ELITE ABERTA = CULTURA E EXPANSÃO" (Ivo Mauri, art.cit.)

8. A IGREJA E O CINECLUBISMO -

O que diz a Igreja de tais "Grupos de Cultura Cinematográfica"?

Em carta enviada pelo Cardeal Dell'Acqua ao Congresso Mundial de cinema da OCIC, lemos: "Não se pode certamente dizer que com a classificação moral de filmes, a Igreja exerce apenas uma proteção negati-

va. Por meio de seus julgamentos normativos, forma esta as consciências dos fiéis, orienta na escolha e favorece o êxito dos filmes de valor. Não obstante, essa ação necessária tem que ser acompanhada de um esforço de educação propriamente dita".

Nos primeiros escritos e documentos eclesiástico principais - não aparecia o problema da educação cinematográfica.

Pio XI, quando escreveu a "Vigilanti Cura", estava empenhado no combate a degradação moral dos espetáculos fílmicos; urgia então a formação de juntas nos diversos países para esta atividade. E mesmo naquele tempo, não estando ainda o cinema no desenvolvimento de hoje, este problema não era tão vivo. A isto se acrescenta, também, a inexistência de tais grupos, pois o movimento seria fundado mais tarde.

Quando Pio XII escreveu a sua alocução "Il Filme Ideale", o movimento já existia, mas não cabia falar a diretores e cinegrafistas sobre o fenômeno Cine-clubes. Não lhes interessaria. Estabeleceu, isto - sim, as bases em que se apoiariam os mesmos diretores e cineastas, para realizar um Filme Ideal.

Porém, nesta alocução, poderíamos entrever um leve aceno ao fenômeno Cine-clubes, nestas palavras: "É bem verdade que a mentalidade do nosso tempo, intolerante, mais do que seria justo, da intervenção dos poderes públicos, preferiria uma defesa que partisse diretamente da comunidade. Seria certamente para desejar que se obtivesse a união concorde dos bons contra o filme corruptor, onde quer que ele aparecesse, para o combater com os meios jurídicos disponíveis..."

Já na Encíclica "Miranda Prorsus", o problema é amplamente abordado.

Considera Pio XII que "Tem uma diversão sã que se tornou agora, como dizia o Nosso Predecessor de feliz memória, verdadeira necessidade para a gente que se esfalha nas ocupações da vida" nem o progresso cultural se podem considerar plenamente garantidos sem esta obra educativa, esclarecida por princípios cristãos". (§61)

Pois considerando que "não existe cultura, no domínio do cinema como em qualquer outro campo, que não deva colocar-se 'a serviço do homem, para ajudá-lo a conservar e a realizar a afirmação de si mesmo no caminho da retidão e do bem' ", (C. Dell'Acqua, op.cit.) "requer-se esforço educativo que prepare o espectador. Que o prepare para compreender a linguagem própria de cada uma dessas técnicas diversas, e para dispor de tal formação da consciência que lhe permita julgar com ponderação os vários elementos oferecidos pela tela e pelo altofalante, e, assim defendido, não lhes ir sofrer passivamente o influxo, como muitas vezes acontece". (Pio XII, M.P., §60)

Pio XII reconhece que os católicos sentiram essa necessidade, "e numerosas são hoje as iniciativas que tendem a preparar tanto os adultos como a juventude para melhor apreciarem os lados tanto positivos como negativos do espetáculo", (M.P., §62) e dá seu pleno apoio e decisivo encorajamento: "Estas iniciativas, seguindo as normas da educação cristã e sendo dadas com competência didática e cultural, não só merecem a Nossa aprovação mas também o Nosso decisivo encorajamento para que sejam expostas e explicadas nas escolas e nas universidades, nas Associações Católicas e nas paróquias". (M.P., §64)

O Cardeal Dell'Acqua explicita ainda essa idéia dizendo: "Aplicando esse princípio e para desejar que se multipliquem tanto nas escolas como nos círculos de jovens e de adultos, numa forma adaptada - aos diferentes países, e aos diversos ambientes sociais, esses grupos de cultura cinematográfica"... (op.cit.)

Os objetivos e os efeitos de um Cine-clubes planejado dentro -

dêsses princípios expostos, serão: "Formar para assistir duma maneira consciente e não passiva aos espetáculos fará diminuir os perigos morais, permitindo ao mesmo tempo ao cristão aproveitar de todos os conhecimentos novos do mundo para elevar o espírito até a meditação das grandes verdades de Deus". (Pio XII, M.P., §65)

Insiste sobremaneira o S.P. Pio XII na escolha das projecções: "É preciso que os espetáculos sejam adaptados ao grau de desenvolvimento intelectual, emotivo e moral de cada idade". (M.P., §67)

Sobretudo na parte moral, mais da competência da Igreja -- quando falamos de moral, significamos toda a moral, não só o que se refere ao 6º e ao 9º mandamentos -- vai o Santo Padre exigir.

Falando do espetáculo para jovens, diz: "Todo esforço realizado neste campo merece aplauso, contanto que se tenha em conta que são bem mais graves do que perturbações fisiológicas e psicológicas os perigos morais a que se expõem as almas dos jovens; perigos que hão de constituir -- não sendo prevenidos a tempo -- ameaça verdadeira e real para a sociedade". (M.P., §69)

Para adultos, esclarece: "É claro que tal preparação não pode de maneira nenhuma servir de pretexto para ir ver espetáculos moralmente inferiores..." (M.P., §63), como tal reconhecidos pelas autoridades eclesásticas.

Nos debates e cine-fóruns, considerável parte deve caber às considerações morais: "Sobre este ponto o Santo Padre exorta os membros destes grupos de cultura a ter muito em conta em suas análises e discussões o valor moral. Esta não é uma censura que se impõe de fora senão um elemento constitutivo do julgamento de qualquer consciência cristã bem formada", pois "a verdadeira cultura cinematográfica não pode conceber-se a margem das leis da moral". (C. Dell'Acqua, op.cit.)

Pio XII aconselha outrossim a que os Padres não fiquem à testa de tais organizações: "Diante de tão grandes possibilidades e tão graves perigos das técnicas audiovisivas, deseja a Igreja desempenhar plenamente a sua missão, que não é diretamente de ordem cultural, mas pastoral e religiosa"; mas pelo contrario, "se criem sem demora e sejam confiados a pessoas competentes, sob a direcção de um sacerdote escolhido pelos Bispos". (M.P., §71 e 74) (É certo que este último trecho não se refere diretamente a Cine-clubes, mas cremos que indiretamente sim).

Pio XII nada mais fala de Cine-clubes. A carta do Cardeal Dell'Acqua dá-nos ainda um tópico a destacar: sobre a unidade das ações. Os CC devem estar em plena harmonia com as juntas diocesanas e nacionais. Assim se expressa a carta: "O Santo Padre prazerosamente anima a todos seus filhos que se dedicam generosamente a este setor da atividade católica em plena harmonia com as diretrizes do Episcopado local e sob a guia dos Centros Nacionais de Cinema".

É o que conseguimos colher das recomendações mais importantes da Igreja a respeito dos Cine-clubes.

9. CINE-CLUBE CATÓLICO ? -

Seria contraproducente um CC que se declarasse abertamente católico?

Não. Contanto que o mesmo não seja um simples pregador de cotações morais, e preencha uns tantos requisitos.

Isso é o que nos diz Humberto Didonet, "testa de ferro" do CC Pro Deo, de Porto Alegre, de largas experiências neste sentido.

Podemos ler alguns tópicos de uma palestra sua, na 2a. Jornada Católica de Cinema do Rio de Janeiro, de 14 a 19 de Dezembro de 56.

Falando da adequação de qualquer cine-club ao tempo presente, ao presente momento histórico, diz: "O cinema não deve ser apenas um fim em si, nem um meio de pura satisfação pessoal, mas um meio de implantação de idéias e ideais humanos e espirituais. Não se trata de dar ao cinema um caráter de pragmatismo grosseiro, mas de uma alta finalidade". (H.Didonet, v.bibl.)

Se o cinema é este vetor de idéias e ideais, o católico, que deve ser católico em todos os momentos, deve informar o cinema e o CC com a catolicidade.

Mesmo assim, o católico não poderia agir com sua influência, num CC comunista ou indiferente? Sim, poderia, mas não é o ideal! se for agir como católico mesmo, todos perceberão, e ele, ou será isolado... ou irá na onda... Diz Humberto Didonet: "Se o Clube fôr composto de pessoas de diferentes religiões, dificilmente haverá uma fundamental unidade de vistas e de ação e acabará fatalmente num indiferentismo de ação. Zelar pela pureza de orientação ideológica de um clube é o mesmo que trabalhar para forjar uma personalidade firme e de caráter. Com uma personalidade definida, o clube poderá "lançar-se no charco" sem se macular, isso é, poderá realizar uma ação benéfica no mundo desorientado em que vivemos".

Para que o CC católico tenha projeção e seja bem aceito, deve preencher as duas seguintes condições: 1) integração ao regime democrático; 2) espírito católico: universalista, conquistador.

1) - Integração ao regime democrático:

"Democracia, bem entendida é nada mais nada menos que o regime da justa liberdade, plenamente condizente com a natureza do homem. Liberdade significa iniciativa, responsabilidade, confiança nos demais. Para manter o espírito democrático é preciso dar oportunidade à prática de atos livres e à participação de maior número possível de pessoas". (H.D., op.cit./)

Porisso, um cine-club se integra ao regime democrático, quando:

- dá oportunidade à prática de atos livres;
- permite a participação do maior número de pessoas;
- dá oportunidade de se eleger chefes em assembléias gerais;
- dá importância extrema aos debates em mesa redonda: por meio disto é que se estuda o cinema, confrontam-se opiniões, abrem-se novos horizontes e chega-se à objetividade e à verdade; os métodos são diversos, mas o importante é quando o CC dá ...
- (dá) oportunidade a cada um de expor sua opinião e de defendê-la, num verdadeiro trabalho de enriquecimento mútuo;
- promove, conservando sua integridade e independência ideológica, discussões ou cine-foruns públicos;
- colabora com entidades culturais que têm interesses complementares; este intercâmbio traz espírito comunitário, evita o individualismo ou gregarismo (auto-suficiência) e são evitadas despesas eco

nômicas inúteis; p.ex., rádio, jornais, Serviço Social, colégios, etc..

2) Espírito católico, universalista, conquistador

"Depois de o clube ter garantido uma personalidade inconfundível, de princípios internos firmes, poderá lançar-se à luta, poderá "misturar-se" com o mundo, poderá ser o sal da terra".

"Se o clube de cinema é uma escola, fará um trabalho incompleto se não fôr também um exército, um órgão de luta depois de ter sido de ensino". (H.Didonet, op.cit.)

Na ordem prática, isto se verifica quando o CC, já não contente de bem educar seus sócios, abre seus portões e procura distribuir ao maior número possível de pessoas os benefícios da cultura cinematográfica.

Então, começar-se-á a:

- organizar cursos de cinema abertos a todos os interessados;
- organizar quadros murais em Igrejas colégios, onde a frequência de pessoas seja grande, para que as mesmas se instrua a respeito dos espetáculos, não só quanto ao seu aspecto moral, mas em todos os aspectos;
- penetrar na imprensa leiga, atendida a imprensa católica;
- promover debates com grupos sociais e ideológicos diversos;
- distribuir folhetos populares, adaptados às diversas classes sociais;
- promover Festivais de Cinema.

Com esses dois pontos, o Clube Católico de Cinema realizar-se-á plenamente, e será muito bem aceito da parte do público...

10. INSTRUÇÕES PARA LEGALIZAR UM CINE-CLUBE

Estas instruções são dadas por Fr. Leonardo, do CC Poverello, de Porto Alegre, encontradas em "Guia Cultural de Filmes", Suplemento 2º, Ed. Paulinas, 1960, pag. 97-98.

1 - Para o Registro Oficial dos Estatutos de qualquer sociedade, em que se recebe a Certidão que garante a existência jurídica da mesma sociedade, existe um órgão denominado "Cartório de Registro Especial". O primeiro passo a dar neste caminho é fazer o extrato dos Estatutos. Tanto o extrato como a íntegra dos Estatutos devem conter os seguintes elementos:

- a) Denominação, sede e finalidades;
- b) tempo de duração;
- c) modo administrativo (diretoria, membros);
- d) representação judicial e extra-judicial, a quem pertence;
- e) sócios responsáveis ou não pelas obrigações sociais;
- f) reforma de estatutos (maneira);
- g) condições para a dissolução da sociedade;
- h) destino do patrimônio.

2 - O presidente do cine-clube fará publicar o Extrato dos Estatutos no Diário Oficial (basta firma reconhecida sem os Cr\$ 5,00 de selo).

3 - Tomar dois exemplares da Edição em que foi publicado o Extrato e devidamente selada cada uma das folhas em que se encontra a publicação, com dois selos de Cr\$ 5,00 em cada folha. Rubricar com lá

pis vermelho ou tinta para indicar a coluna da publicação.

Anexa uma cópia, na íntegra, dos Estatutos, relação dos nomes da Diretoria atual indicando: o estado civil, idade, profissão e nacionalidade, mais a relação dos sócios fundadores também com estado civil, etc., com firma reconhecida e Cr\$ 5,00 de selos estaduais em cada fôlha (para poupar selos é interessante estas duas relações numa fôlha só).

Por fim, fazer o requerimento, em que deve constar o endereço do requerente, e levar toda a documentação ao Juiz, Diretor do Foro... para o exame tanto dos estatutos como da publicação oficial.

MODELO DE REQUERIMENTO:

Exmo. Sr. Dr. Juiz de Direito
Diretor do Foro

O abaixo assinado, Presidente do Cine-club... residente à rua, nº... (Cidade), (Estado), requer de V.Excia. a autorização ao Cartório de Registro Especial para que proceda ao registro dos Estatutos.

Aproveito o ensejo para apresentar a V.Excia. os protestos de estima e consideração.

Firma reconhecida

Com Cr\$ 5,00 de selo estadual.

4 - Recebida a autorização do Diretor do Foro vai-se ao Cartório de Registro Especial, com os mesmos documentos, para retirar a Certidão.

11. ESTATUTOS DE CINE-CLUBE

Sugestão de autoria do Pe. Edeimar Massote, SJ, publicado por "Guia de Filmes Culturais" (v. bibl.)

Capítulo I - Finalidades:

O CC tem por finalidade: "trabalhar pelo bom cinema":

- a) através da difusão da cultura cinematográfica:
 - 1) formando seus sócios;
 - 2) trabalhando na educação das platéias;
- b) orientando o público na escolha de seu programa;
- c) fazendo propaganda dos bons filmes;
- d) procurando na medida do possível, formar críticos cinematográficos;
- e) procurando na medida do possível formar técnicos cinematográficos;
- f) procurando, se possível, participar da produção cinematográfica;
- g) agindo em união com algum CC líder;
- h) aplicando o cinema como meio educacional, colaborando com entidades educacionais.

Capítulo II - Atividades.

São as seguintes as atividades principais do CC.....:

- a) organização dos cine-foruns, isto é, debates e troca de idéias entre sócios sobre os filmes exibidos com C ou na cidade;
- b) formando a biblioteca Cinematográfica;
- c) organização de um fichário cinematográfico: filmes, directores, assuntos;

- d) organização de debates entre os sócios sobre questões gerais de cinematografia;
- e) promoção de conferências ou cursos sobre assuntos cinematográficos (internos para os sócios e externos para o público);
- f) colaboração em revistas, jornais, rádio e televisão;
- g) organização de cursos especializados para os sócios visando a formação de técnicos. Ex. fotografia, diálogo, arte dramática, e de teorias e críticas;
- h) realizando ou publicando estudos mais aprofundados;
- i) organizar para sócios, professores, cursos especializados sobre cinema educativo, visando sua futura aplicação nas escolas;
- j) produzir filmes ou colaborar na sua produção;
- k) trabalhar, em união com o CC líder na orientação do público por meio de quadros murais, exposição de fichas filmográficas, apóio aos exibidores que organizam bons programas, etc.

Capítulo III - Associados:

Podem ser sócios do CC..... todos aqueles que se comprometerem a observar seus Estatutos, a participar regularmente de suas atividades depois de terem cumprido as formalidades de inscrição.

Distinguem-se três classes de sócios:

Fundadores: os que tomaram parte na eleição da primeira Diretoria;
 Efetivos: os que foram inscritos depois da eleição da 1ª Diretoria;
 Benfeitores: os que deram ao CC, em valor, objetos, bens superiores a... (tantos cruzeiros).

Para tornar-se associado o candidato deve ser aceite pela Diretoria. Depois de efetivamente inscrito, o associado tem direito a:

- a) tomar parte nas sessões de cinema e nos debates organizados pelo CC;
- b) tomar parte nas atividades organizadas pelo CC;
- c) fazer uso da Biblioteca e do material informativo de acordo com as regras estabelecidas pela Diretoria;
- d) tomar parte nas Assembléias Gerais para propor assuntos, discuti-los, votar e ser votado.

O Associado obrigar-se-á:

- a) a cumprir e fazer cumprir os Estatutos e as decisões da Diretoria;
- b) colaborar efetivamente para a consecução das finalidades do CC;
- c) desempenhar os cargos para os quais fôr eleito pela Assembléia Geral;
- d) colaborar com a Diretoria na execução das tarefas que a mesma indicar;
- e) pagar a taxa de inscrição e a mensalidade estabelecida pela Diretoria;
- f) poderão ser excluídos do quadro social, a juízo da Diretoria, os sócios que não cumprirem com as obrigações.

Os sócios não respondem nem direta nem subsidiariamente pelas obrigações e passivo da sociedade.

Capítulo IV - Administração:

A Assembléia Geral dos associados é o órgão soberano, respeitados os Estatutos, e tem direito para resolver os assuntos do CC, entre os quais avultam os seguintes:

- a) deliberar sobre o relatório da Diretoria;
- b) eleger os membros componentes da Diretoria;

c) demitir um ou mais membros da Diretoria cuja atividade importe em desvio grave das finalidades do CC;

d) a Assembléia Geral reunir-se-á quando for convocada pelo Presidente ou por requerimento de, pelo menos, um terço dos associados;

À Diretoria compete administrar o patrimônio da sociedade e organizar suas atividades. Compor-se-á de: um Diretor, um Presidente, um Vice-Presidente, 1º, 2º e 3º Secretários e um Tesoureiro. Todos exercerão seus cargos sem remuneração.

a) a Diretoria não poderá deliberar sem a presença mínima de três membros;

b) Diretor é a pessoa responsável pelo CC perante o Estabelecimento de Ensino, Paróquia ou Associação onde fôr fundado.

c) Presidente: convoca e preside as reuniões da Diretoria e a Assembléia Geral, representa a sociedade jurídica e extrajuridicamente, coordena as atividades do CC, assina com o 1º Secretário a correspondência da sociedade.

d) Vice-Presidente substitui o Presidente, dirige as sessões de estudo, cursos e conferências;

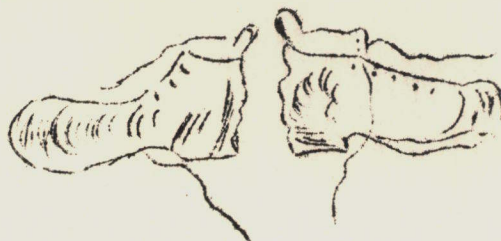
e) 1º Secretário substitui o Vice-Presidente, responsável pelo histórico (atas, relatórios, etc.) e pela correspondência.

f) 2º Secretário: organização e conservação da Biblioteca e fichário (material informativo em geral).

g) 3º Secretário organiza o Cine-forum e as sessões de Cinema. Dirige a publicação de artigos, crítica e resenhas filmográficas.

h) Tesoureiro administra as finanças.

.....
da Silveira



TERCEIRA PARTE

C I N E - F O R U M

Damos início à terceira parte: sobre cine-debates.

Sem dúvida alguma, esta é a arma mais poderosa de que dispõe um Cine-clube para propagar a cultura cinematográfica. Essa troca de idéias franca e democrática, mas profunda, é o marco essencial de todo o movimento cineclubista.

Dificuldades? Sem dúvida; mas o seu valor é incontestável. É uma aula em equipe.

Mesmo sem um Cine-clube juridicamente constituído, podem ser feitos tais debates. Um círculo de jovens interessados; um setor de ação católica; um grupo de estudantes, e outros grupos, são material excelente para realizar tais debates.

Tentaremos, portanto, estabelecer as bases do mesmo; busquei daqui e dali, e coloquei como pude. Não farei citações, mas o grosso da matéria é experiência já por outros vivida, e aqui resumida.

Isto à guisa de introdução.

Seguiremos o seguinte esquema:

1. Definição - modos
2. Finalidade - utilidade
3. O papel do equipista
4. O Coordenador de debates (parte teórica)
5. O DEBATE (parte mais prática)
6. Complementação

...oOo...

1. DEFINIÇÃO - MODOS

Cine-forum seria um grupo de pessoas que se reúne (mais ou menos frequentemente) para estudar, assistir e discutir filmes estabelecidos, em relação a parte técnica, artística e moral dos mesmos.

Aparece mais claramente o aspecto não jurídico da coisa. É um grupo de pessoas interessadas. Essa discussão de filmes em grupo, é uma maneira excelente de julgá-los e de desenvolver o espírito crítico do espectador. É uma escola em equipe.

Portanto, o cine-debate não deve estar sempre ligado à noção de Cine-clubes. Pois pode haver casos em que o Cine-clube não está formado, e já existe um tal grupo... que muitas vezes será a semente do Cine-clube.

Esses debates devem ser proporcionais à cultura e outras circunstâncias variadas, como também a finalidade a que foram convocados.

Em consequência dessa finalidade, existe uma pequena diferenciação representada pelo:

Filme-forum, reunião também, mas cuja finalidade é mais restrita

ta. Esse tipo de debate é caracterizado por uma maior preocupação pelo valor temático do filme, relegando ao mínimo os valores artísticos e técnicos. É um modo diferente.

Conforme o caso e a condição das pessoas, é melhor o primeiro ou este modo. P.ex.: num círculo de Ação Católica, realmente seria mais interessante o segundo modo.

Contudo, não há por assim dizer uma divisão matemática entre ambos. Podem subsistir ao mesmo tempo. Embora pareça que a parte temática deva ser sempre a mais focalizada, enquanto o resto seria em função do tema... Pessoalmente, sou de opinião que essa mistura dos dois modos seja o ideal, pois o filme não é só tema, nem só arte: embora, como disse acima, pareça bastante interessante julgar ou debater a parte artística em função do tema ou mensagem.

De maneira geral, um debate supõe:

- indivíduos interessados
- um coordenador de debates
- o seu desenvolvimento
- a conclusão

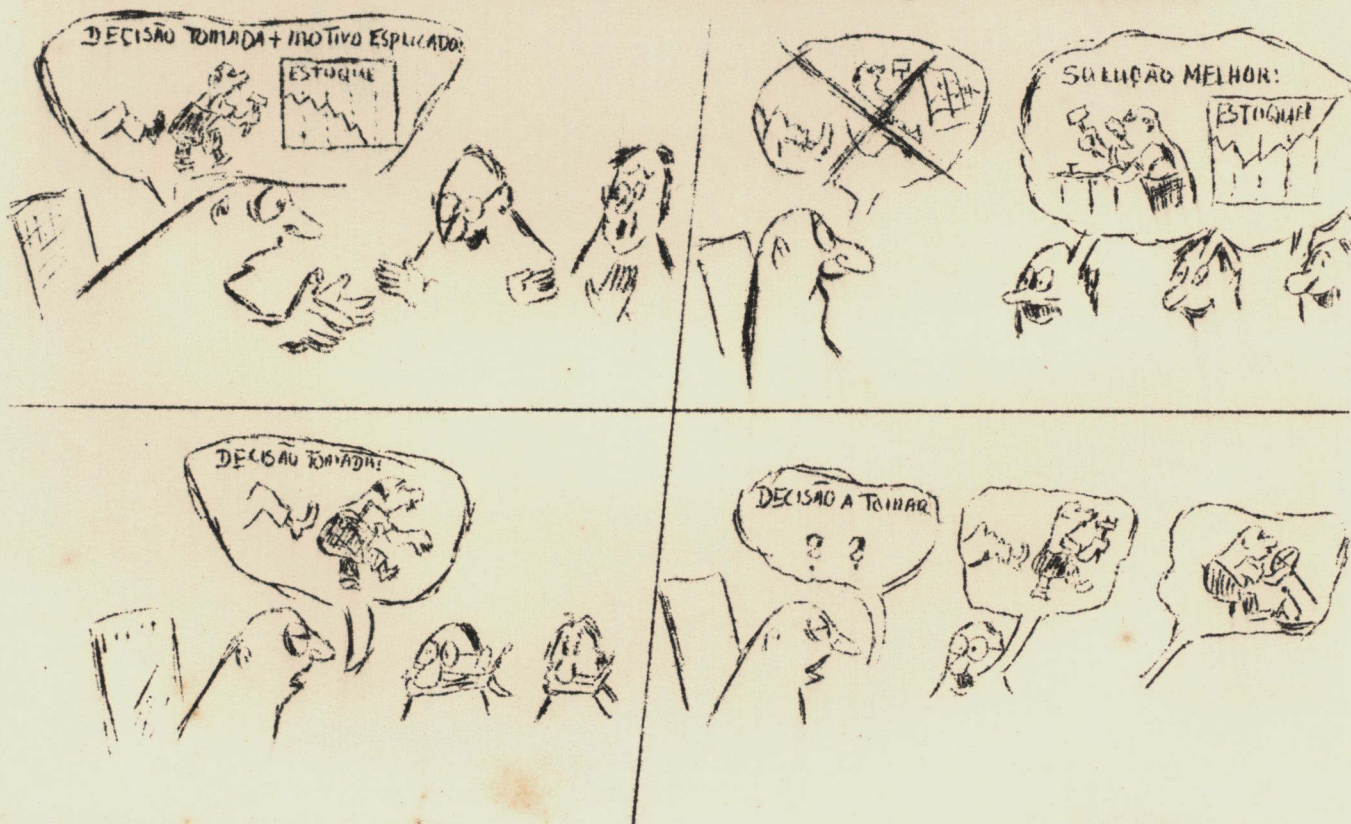
Cada um desses pontos vai ser estudado em particular nos passos que temos a percorrer.

2. FINALIDADE - UTILIDADE

É a cultura cinematográfica. Não no sentido de cultura-cartão-postal ou simples cultura artística. É a cultura de ensinar o espectador a assistir ao filme reagindo, raciocinando e estabelecendo suas conclusões. É ensinar a bem assistir um filme. (Desse modo, estamos dentro da nossa linha de batalha, segundo a qual também os Cine-clubes não devem ser paraísos de "estetas" ou de moralistas...)

É a reunião uma pesquisa coletiva, método consagrado para apanhar o fato filmico. É conforme o método da escola ativa: eficiente, vivo e contra o passivismo. É um método de vitalização cultural.

Por isso se distingue de uma aula-informativa em equipe, onde alguém informa friamente. Não é também persuasiva, aula-apologetica ou probativa. Mas é coleta franca e aberta de opiniões, confrontação democrática de pontos de vista, da qual deve surgir a conclusão.



Com isso, a contribuição do cine-debate em benefício dos circulan-
listas é múltipla:

- permite penetrar no pensamento do cineasta;
- ensina a conciliar e harmonizar opiniões diversas, respeitando-as; com isto se cria um espírito de caridade.
- permite penetrar no pensamento dos outros circulan-
listas;
- estimula e favorece o trabalho em equipe, vencen-
do-se assim o egoísmo e preguiça de quem vê cine-
ma sem estudá-lo; vencendo idéias fixas e unila-
terais;
- garante uma opinião mais de acordo com a verdade
objetiva.

Por ocasião de uma enquete realizada entre os cineclubistas o-
perários do Cine-club de Valence, foi feita uma pergunta: Acha que o
debate é útil? Respostas: SIM 98% - Não 2%

Em resumo: o cine-forum visa unir idéias, não conquistar menta-
lidades, valorizando assim o homem como criatura consciente e responsá-
vel diante de Deus e da vida, chamando especialmente a atenção sobre
os valores humanos. As vantagens sobre a crítica individual são eviden-
tes, pela maior riqueza de observação e pela maior justeza de julgamen-
to.

Mesmo do ponto de vista do cinema em si, os debates podem aju-
dar o cinema a se definir como arte, interessando o público pela cul-
tura.

3. PAPEL DO EQUIPISTA

Antes de tudo, o circulanlista deve ser um interessado no assunto.
Senão em ato, pelo menos em semente, e deve ser despertado para o pro-
blema. Um operário de fábrica não é um interessado natural; entretanto
é possível manter debates com operários, como ficou bastante provado
na França, em diversos casos. As crianças não têm critério, e...; mas
existem numerosos Cine-clubes de crianças (p.ex., em Campinas). Um pu-
blico de sessão ordinária não está interessado; mas se tornou interes-
sado, como mostram experiências realizadas pela JOC na Espanha, e as-
sim por diante.

Daí advêm as dificuldades. Pois se bastasse um filme e um coor-
denador (=professor) de debate para haver um cine-debate, não haveria
dificuldade. Existem prosapios por toda a parte. Mas não é esta a fina-
lidade e utilidade de tais debates.

Para só termos uma rápida visão, vamos citar algo mais do que
nos interessa daquele inquerito entre operários (!), já acima citado.

- As perguntas:
- Você discute com seu círculo social filmes que você viu no Cine-club?
 - Resp. SIM 79% - Não 18% - Sem R. 3%
 - Gosta de tomar parte nos debates, ativamente?
 - Resp. SIM 36% - Não 45% - sem R. 19%
 - Se você não participa nos debates, pode dar as razões?
 - Resp. falta de conhecimentos cinematográficos - metade
dificuldade de expressão - 1/3
timidez - 1/3
 - Mesmo que você não tenha tomado parte ativa nos deba-
tes, acha que eles lhes trouxeram algo?
 - Resp. SIM 87% Não 5% - sem R. 8%

(extr.de "Regards neufs sur le cinema")

Isto mostra que o debate, embora ainda não tenha a todos animado para uma ação ativa (falta do despertar, ou apenas aspectos psicológicos...), o debate é tido como algo de útil por boa maioria. E isso entre operários...

Tentaremos esboçar algumas virtudes que deve ter um bom equípista. É porém o ideal:

- um certo conhecimento de cinema. Quanto mais, melhor.
- disposição para participar ativamente do debate,
- paciência em ouvir as opiniões alheias e respeitá-las.
- humildade para aceitá-las, evitando exibicionismos.
- caráter sereno, familiar, franco, sem imposições ou alterações na voz; mortificação em suportar algum bilioso.
- lealdade em revelar o que notou e sabe.
- e o ideal... caridade.

É claro que as dificuldades estão às portas. Dizia o provérbio latino: "per aspera, ad astra", isto é, uma empresa que vale, merece alguns sacrifícios.

Bem, vamos a outra parte, quiçá a mais importante.

4. O COORDENADOR DE DEBATES

A necessidade de um cabeça é patente. É quase um ato reflexo a escolha de um líder num grupo humano recém-formado. E aqui se dá o mesmo.

Um coordenador bom é um sujeito com bons conhecimentos de cinema, aliado a um bom sentido de liderança e psicologia de grupos humanos.

Portanto, veremos aqui umas tantas virtualidades que um líder deve possuir. Seria interessante frisar que nesta parte do trabalho vamos nos ater na teoria. Alguma coisa mais prática será dada no próximo passo, quando tratarmos do debate em si.

Seguiremos o roteiro seguinte, neste ponto:

- a) virtualidade - liderança
- b) antes do debate
- c) durante o debate
- d) após o debate

a) Virtualidades - liderança

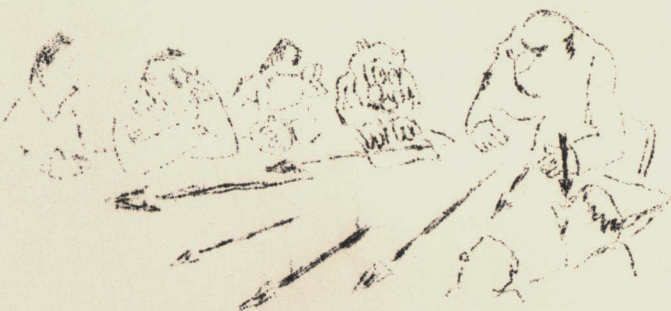
De início, diríamos que uma cultura geral cinematográfica é indispensável. Quanto mais, melhor. A qual, aliada a uma cultura "humana" razoável, é o ideal no coordenador.

Primeiramente, podemos ressaltar que ele não é um professor, nem um despota, mas um coordenador. Sua virtude principal é saber ouvir e saber coordenar. Disse: ouvir, e não falar... O seu papel é de estimular o debate. Enfim, deve ser um LÍDER:

Líder: é aquele que dirige um grupo humano e obtém dele uma participação espontânea.



O líder distingue-se do professor-ditador (em ambos os sentidos: o que dita ou que manda). Distingue-se do "Laissez-faire, laissez-passar", indeciso. Não é um intriguento, nem um vaidoso, nem instável. É o que obtem a participação dos membros do grupo.



Isto ele conseguirá com autocontrôle, com exemplo, respeitando a pessoa humana, sabendo compreender as reações de outrem, respeitando as opiniões.

Claro está que nem todos são líderes natos. Muitos, porém, podem tornar-se líderes por seu esforço. (A psicologia explicaria isso como uma floração da potencialidade latente.) É o que procuramos tornar claro dando uns tantos pontos que o coordenador deve contar no seu ativo:

- pensar com rapidez e clareza; o que implica uma inteligência viva e coração humano.
- possuir facilidade de expressão.
- saber colocar questões e solucioná-las.
- ser imparcial. Sua parcialidade iria influir tal ou tal opinião, que seria a vencedora, por força moral do coordenador (é claro que aqui se fala de ambientes menos instruído; em nosso ambiente, isso não acontece, pois todos possuímos espírito crítico e coragem suficiente para discordar...)
- certa habilidade em sintetizar opiniões prolixas.
- deixar de lado algum preconceito contra pessoa tal ou assunto tal.
- o bom humor deve imperar na reunião; isto exclui o espírito combativo e os malentendidos.
- entusiasmo contagiante.
- deixar as preocupações de lado.
- paciência em ouvir opiniões e em esperar allorar as conclusões; não forçá-las.
- ajudar o grupo em busca da conclusão, que não deve faltar (senão seria mero "society" intelectual...)
- enfim, como já dissemos, ouvir, e não dar aula...

Mais abaixo daremos a teoria dos debates, ou a função de tal coordenador.

Um coordenador não brota espontaneamente, mas faz-se; não é fabricado, "fabrica-se". Daí vem a utilidade do exercitar-se, pois aprender a nadar por correspondência não quer dizer que se sabe nadar...

b) Antes do debate :-

É claro, preparar-se, Isto significa munir-se de informações necessárias; pensar nas possíveis perguntas que advirão, fazer de ante mão uma catalogação das perguntas interessante a se propor. Enfim, para o nosso caso: fazer uma crítica particular antes de se apresentar para debater o filme.

Deixar as preocupações de lado, e entrar "para valer" na matéria. (Claro! com jeito...)

c) durante o debate :-

Durante o debate, o coordenador tem que se defrontar com inúmeros problemas. Ele trata com pessoas humanas, cada qual com suas virtualidades e defeitos, com sua psicologia.

Em todo o debate tríplice é o estágio de desenvolvimento:

- expor o problema,
- anotar as diferentes opiniões, e, ao final,
- redigir e sintetizar as conclusões.

Isto é claro e não exige comentário. Vamos ao papel do coordenador na reunião, sua atitude face às opiniões.

Primeiramente, três são os tipos de presidência de reuniões. O tipo ditatorial, o tipo "laissez-faire, laissez-passar"; ambos condenados. O certo é a presidência "liderada". (v. atrás letra a)

Quanto às opiniões e ao assunto, dois são os modos de o líder conduzir um debate: (extr. de "Relações humanas", de Pierre Weil)

Ambos os modos são viáveis. Enquanto o tipo 1 parece ser mais liberal, o 2 as vezes é mais conclusivo.

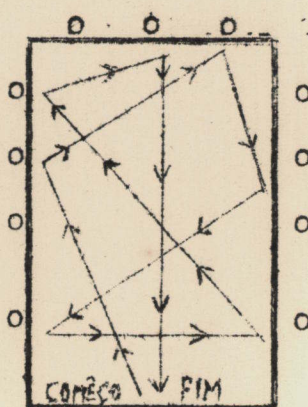
No primeiro, os circunscritos debatem entre si o assunto que foi proposto e esta sendo dirigido pelo líder.

No segundo, as opiniões são emitidas pelos circunscritos, e resumidas pelo coordenador.

O coordenador deve ver o modo mais útil conforme as circunstâncias. Ora um, ora outro. Circunstâncias podem ser: numero de pessoas, ambiente, média de cultura, tempo (2º tipo), etc.

circuito aberto

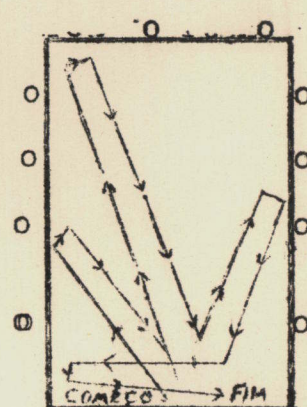
TIPO I



líder

circuito fechado

TIPO II



líder

Para manter sua posição de coordenador, deve realizar durante o debate algumas funções, que vamos expor abaixo:

- 1- expor o assunto
- 2- torná-lo claro, evitando digressões inoportunas ou frívolas.

- 3- utilizar-se dos vários tipos de personalidades: faladores, tímidos, combativos, exibicionistas; saber harmonizar com bom senso e tato.
- 4- manter o debate vivo e em progresso, com perguntas interessantes; quatro são as espécies de perguntas:
 - 1ª pergunta geral: "o que os senhores acham..."
 - 2ª pergunta direta: "o que o senhor acha". Esta só se deve usar em caso de muita passividade do grupo, e com muito cuidado; é aconselhável dirigi-la ao mais desembaraçado do grupo. Uma pergunta dessa feita a um tímido, é selar a pedra do sepulcro!...
 - 3ª pergunta revertida: quando o dirigente não quer expressar a sua opinião, "devolvendo a bola" ao interrogador
 - 4ª pergunta revezada: quando "desvia a bola" para outro, pela mesma razão acima; isto faz quando ele teme que a sua opinião va influenciar no pensamento dos membros, por sua força moral.
- 5- evitar discussões acaloradas e pessoais.
- 6- provocar receptividade para qualquer opinião.
- 7- munir-se de meios convenientes para animar a reunião: quadro negro, projetor, livros, fotos, etc.
- 8- evitar também a cisão em grupos opostos.
- 9- ver os progressos alcançados, reuni-los para si e para os outros.
- 10- estar prevenido contra a perda de interêsse (que êle deve evitar a todo custo...)
- 11- não improvisar: o que supõe preparação conscienciosa.

Enfim, deve ser um líder. Não deve forçar, mas provocar a adesão espontânea dos equipistas. Que não seja indelicado a ponto de forçar o pensamento dos presentes: maneira apologetica. Seu pensar deve ser em grupo.

Não se faça êle uma professora, interrogando continuamente os circulistas, envergonhando-os.

Deve, com sua inteligência e seu ardor, arrastar os outros: "exempla traunt".

d) d e p o i s d o d e b a t e :-

Pouco teríamos a acrescentar, a não ser que o coordenador deve fazer uma síntese do discutido, e torna-la conhecida de todos os circulistas.

5. O DEBATE - CINE-FORUM

Nesta parte mais prática, seguiremos o seguinte roteiro:

- A) Antes do debate
- B) Durante o debate:
 - a) dificuldades
 - b) o coordenador:
 - 1- Apresentação
 - 2- Debate - esquemas
 - 3- conclusão
- C) Após o debate

A) ANTES DO DEBATE -

Não é preciso dizer aqui que o ter assistido o filme é condição primária do debate; tal condição deve ser preenchida da melhor maneira possível, com condicionamento adequado de lugar, tempo, ambiente, etc.

O debate pode ser feito logo após o filme ou com um intervalo de horas ou mesmo de dias.

Os indivíduos participantes devem se preparar psicologicamente e, quem sabe, tomando uns apontamentos críticos do filme, que apresentará durante o debate. Vamos porem ao papel do diretor do debate: o coordenador.

De início podemos dizer que quanto mais complexo for o público no debate, maior será a preparação, e feita com maior apuro.

Deverá ele procurar reunir-se antes do debate com uma comissão um grupo de interessados, e fazer uma pré-discussão. Para tal pré-discussão, deverá levar de antemão um formulário completo sobre o filme.

Tal FORMULÁRIO, que ele faz sózinho, constaria de uns tantos dados colhidos em críticas e comentários sobre o filme. Teria os seguintes tópicos:

- a) genérico (impressões gerais)
- b) impressões de conjunto (gênero, sujeito e temas)
- c) meios de expressão (imagens, estilo, música, técnica, interpretação, etc.)
- d) conteúdo (psicologia, valor das teses, construção, ligação com outras obras)
- e) observações
- f) conclusão.

Essas observações da letra -e) o coordenador pode redigir (durante a projeção ulterior que se fizer a comissão preparatoria junto com o coordenador - projeção diversa daquela para o público), tomando nota das reações do grupo durante o filme, e das características interessantes que tenha observado.

Depois disto pronto, reúne-se com a comissão. Cada um da comissão traz a documentação que conseguiu; procede-se à discussão, Toma nota das críticas proferidas, faz uma comparação delas com as já existentes... e ele terá excelente material para dirigir um debate. Resumirá o material em ficha, para auxiliar a memória. E estará pronto para encetar o debate, depois de ter assistido ainda uma vez mais o filme.

É claro que demos aqui um plano ideal, que pode ou não ser realizado, conforme as circunstâncias. O essencial é que va preparado, sabendo de antemão as perguntas a lançar e como encaminhar a discussão baseado nas reações dos elementos da comissão. (Tal comissão, em público de ínfima cultura, seria integrado por amadores, ou mesmo fotógrafos, etc.)

B) DURANTE O DEBATE -a)- D i f i c u l d a d e s

Vamos falar mais especialmente de Cine-debates realizados com gente de menos cultura que nós. Portanto, é interessante arrancar da imaginação o tipo de discussão ao qual estamos acostumados assistir: um grupo de teólogos ou filósofos, sentados em círculo, bem disciplinados, sabendo cada um o que dizer e como dizer. Nem sempre o público vai ser tal, não é?

Pois, a maioria das dificuldades vem do público, ou melhor, dos reunidos para o debate. Deverão, é obvio, estar lá por livre e espontanea vontade.

Recordemos uns dados vistos anteriormente, quando tratávamos do papel dos indivíduos durante o debate, no capítulo 3º.

Ao passo que 98% se diziam interessados no debate, somente tomavam parte ativa no mesmo 36%. Quais as razões aduzidas?

- falta de conhecimentos cinematográficos
- dificuldades de expressão
- timidez.

Poderíamos ainda enumerar outras razões, tais como: falta de confiança (especialmente nos primeiros debates), conhecimentos reduzidos, certa preguiça habitual em raciocinar, e tomar posição frente ao espetáculo.

Tôdas essas dificuldades o coordenador vai ter que dissipar; para isso usará de meios extrínsecos: disposição da sala, seu proprio aspecto exterior (modular bem a voz!), adaptação a categoria social - preponderante. Meios intrínsecos seriam: um filme que seja interessante, uma boa preparação do coordenador, sabendo de antemão as questões a propor e perguntas a lançar.

E outros meios mais que possam ajudar, para que se estabeleça a trilogia da qual depende o debate:

animador -- circulista -- filme

Porque não depende somente da competência, mas de todo um condicionamento, torna-se uma verdadeira arte, que, como as outras, exige inspiração, exige sinceridade, e sobretudo amor.

b)- O COORDENADOR

Todo o debate se divide em 3 partes essenciais, que vamos estudar separadamente:

- 1- Apresentação do filme
- 2- Debate - métodos
- 3- Conclusão

1- APRESENTAÇÃO DO FILME

Do início, encontramos uma observação: a apresentação é antes ou depois da projeção? Em nosso caso, estamos mais acostumados a realizar os debates algum tempo depois (mesmo de alguns dias) da projeção dos filmes. E ainda mais: a apresentação é feita com dias de antecedência, por meio de murais, gravações ou folhas informativas.

Contudo, parece que é mais comum haver debate logo após a projeção. Neste caso, a apresentação pode ser feita antes do filme, ou melhor, deve ser feita, no caso em que não tenha sido feita outra, de espécie alguma.

Seria bom que a apresentação fosse feita o quanto possível com cinema, isto é, um trecho de outro filme, ou cenas projetadas (correlato com o tema do filme). Se se puder utilizar também de outras artes para a apresentação, ótimo. Façamos porém da apresentação oral.

Não é um discurso! A duração será de 5 a 10 minutos, no máximo. Vai-se assistir cinema, e não ouvir discurso ou conferência.

Qual o assunto? Deve variar conforme o grau de cultura, e a finalidade do debate. Quanto maior e a cultura dos circulistas, mais profunda deve ser a apresentação.

Se se pretende das debates periódicos com certo grupo de pessoas, que nada entende de cinema, nas apresentações dos primeiros debates poder-se-á dar indicações sobre os diversos aspectos de um filme: isto ajudará o público na análise do filme, e dará algum vocabulário para os equipistas irem-se iniciando em cinema, facilitando-lhes as expressões. (Cuidado não cair no exagero "vocabulista")

Se o debate não vai ser continuado por outros iguais, parece não interessar muitos esses aspectos mais tecno-artísticos. Certamente a apresentação se guiara mais pela finalidade do debate. Então serão sugeridos a plateia, p.ex., alguns temas, sobre os quais prestariam a atenção durante a projeção. Isso evitaria dispersão, no debate. Mesmo a intenção do diretor seria abordada, para ajudar o debate.

A Apresentação completa, porém, exige uns tantos requisitos. Três são os pontos sobre os quais o debate vai se firmar: técnica, arte e moral. Sendo, porém, a pessoa do diretor do filme, o responsável pelo filme (em frances chama-se "realisateur" = o que realiza), a apresentação deve focalizar muito bem o diretor, sua obra, suas ideias.

Assim, numa boa apresentação teríamos o esquema seguinte:

- o histórico do filme * condições
 * diretor,
 * ficha técnica (cenografista, músico, fotografo, atores, etc.)
- o filme, com relação as outras obras do mesmo diretor sua personalidade
- sua corrente ideológica

Isto feito, poderíamos iniciar a projeção.

Concretizando, a apresentação deve ser como a moldura num quadro: deve-se deixar em branco o espaço do quadro, para que o filme venha ocupar esse espaço, e completar o quadro.

Se, porém, as circunstâncias o exigirem, o apresentador deve também fazer o traçado das figuras (se o público for de pouca cultura - como a professora faz na aula de desenho), para que os presentes colorem com os lápis (elementos) que lhes forem dados.

Então, projeta-se o filme em absoluto silêncio.

2- DEBATE - MÉTODOS:

A palavra FIM, ao aparecer na tela, dá início à função própria do coordenador de debate. É então que vai entrar em jogo a personalidade e força de atração do líder.

Se o debate se realiza logo após o filme, é aconselhável que se dê uns 5 a 10 minutos (com música), para que o público tome um pouco de fôlego e volte a realidade.

Variam algumas formas de debate. Pode-se fazer como conversa-
ção = aspectos gerais, sem ordem; como simposio = grupos separados, cu-
jos relatores comunicam as conclusões das diversas equipes, sem discus-
são posterior; com Pre-debate (=treino) e debate.

O início do debate pode ser feito de qualquer modo. Parece - que um modo bastante eficiente é o seguinte: (pelo menos com pessoas que não estão acostumadas a tais debates)

- O filme agradou?
- Quais as cenas de que mais gostaram?
(O coordenador pode separar algumas cenas, ou não...)
- Porque você gostou de tal cena?
- Que idéia o Diretor quer dar com tal cena?

Esta série de perguntas segue um ritmo bastante psicológico, uma escala intelectual muito interessante:

imagem	--	emoção	--	ideia
--------	----	--------	----	-------

Porém, esse método não é o único. Existem muitos outros modos de se conduzir um debate, de colocar questões, modos já experimentados e de efeitos satisfatórios. Principalmente num meio um pouco mais culto e instruído, esse método parece inútil, pois não se precisa dele para chegar-se aos pontos centrais do debate. Tal esquema fomos buscar de um Cine-clube Rural francês. Portanto, gente simples...

O coordenador deve adaptar o método para tal ou tal público, para tal finalidade, e para determinado filme.

Parece que uma alquimia de muitos métodos (conforme os três pontos acima), parece ser o ideal de um debate. Por isso, daremos alguns esquemas diversos, e o coordenador fará deles uma adaptação inteligente.

I) Esquema do Curso de Cinema, da ACB (v.bibl.)

a- análise do tema central:

- qual o tema do filme? (o que o diretor quis dizer?)
- qual a cena que mais lhe chamou a atenção? Porque? (ver se o tema se liga a elas)
- o diretor conseguiu dizer o que pretendia?
- o tema abordado está certo ou errado?

b- análise da linguagem cinematográfica

- o cenário sustenta a exposição do tema
- em que aspecto o trabalho do diretor lhe pareceu mais acentuado?
- os atores são fiéis (expressivos) ou não ao sentido geral do filme?
- a fotografia foi bem cuidada?

c- Conclusão:

- Qual parece ter sido a intenção dos realizadores?
 - * apenas ganhar dinheiro?
 - * realizar um filme capaz de agradar, de divertir, mas com outro valor além desses?
 - * realizar um filme capaz de transmitir uma mensagem?
- Qual a cotação artística? (de 1 a 5)
- Os prêmios que recebeu foram acertados?
- Qual a cotação moral, segundo as idade mentais: todos - adolescentes - adultos - adultos c/ reserva - prejudicial - condenado?

II) Esquema de A. Guidetti, exposto numa publicação do Cine-clube Pro Deo (v.bibl.), "Cineforum"

-- para avaliação ESTÉTICA do filme:

- 1- Qual o tema do filme?
- 2- O tema é rico daquela verdade que o torna humano, acreditável e aceitável a todo público?
- 3- O tema teve impostação adequada e tradução cinematográfica?
- 4- Em particular: o corte (ajuda o enquadramento?); os cenários (funcionais?); o ritmo (há progressão?); a montagem (há um ritmo artístico?), etc.
- 5- Outros pontos, tais como iluminação, imagens, vestuário, diálogos, se tudo concorre para a unidade do filme.

-- Para avaliação moral:

- 1- Qual é o tema do filme?
- 2- O tema é, em si mesmo moral ou imoral?
- 3- Por que é moral ou imoral?
- 4- A realização do tema, cenas, enquadramentos, desenvolvimento, apresentação, é moral ou em parte imoral, inconveniente? etc.?
- 5- As ações que executa o personagem A.B.C., são morais, lícitas, etc.?
Sim? Não? Porque?
- 6- O filme, assim como se apresenta, é conveniente apresentá-lo a qualquer espécie de espectadores? ou convém reservá-lo a uma categoria especial? A qual? Por que?

III) Esquemas da JOC. da Espanha; é um plano geral essencial, só essencial; os enchiementos poderá ser feitos: e usado na Espanha em salas publicas, com o povo costumeiro:

- Qual é o tema central?
- Quais as qualidades e defeitos nos meios empregados?
- Qual é a verdade sobre os valores humanos descobertos no filme, algum perigo moral ou social?

IV) Esquema de João Mohana, publicado num seu trabalho, editado pelo Cine-clube "Vigilanti Cura", de Viamão. O autor confessa que é um amálgama dos métodos do IDHEC (*), do Pe. Morlion e de Chartier.

É muito extenso, quem quizer consulte, na obra. Daremos um resumo de todos os passos que se dão nesse método.

- 1- Equipe técnica responsável (tudo...)
- 2- Qual o género do filme?
- 3- Qual seu valor artístico? (desde sua fase quando era só plano).
- 4- Recapitulação do enredo
(do 5 ao 25, trilha do IDHEC)
- 5- Roteiro técnico: lógica? ritmo? progressão?
- 6- Direção: há homogeneidade? aproveitou dos elementos que lhe deram? outros filmes?
- 7- Ritmo visual: lento? intenso? pesado?
- 8- Linguagem cinematográfica: as imagens falam?
de que modo? diretamente? simbolicamente?
- 9- Dialogação: boa? muita? lenta?
- 10- Fotografia - colorido: planos (apropriados ao assunto?), enquadramentos felizes? etc.
- 11- Cenários: interiores? exteriores? exagerados?

(*) Institut des Hautes Etudes Cinematographiques - Sorbone.

- 12- Música: é parte do filme, ou não?
- 13- Interpretação
- 14- Montagem: interessante? comum?
(Pe. Morlion)
- 15- Tema: a- determinação
b- análise: claro ou confuso? oportuno? fato? comum?
- 16- Comparação c/ outros filmes de mesmo tema
- 17- Significado do filme (Chartier): o que o diretor quiz dizer?
Esta certo ou errado?
humano ou desumano?
- 18- Impressões gerais: tudo concorreu p/ o tema?
- 19- Análise psicológica de um personagem, por causa da sua originalidade, etc.
- 20- A que tipo de espectador se dirige: a moral relativa? quanto ao povo do campo? (ex.) quanto a criança, aos adolescentes...
- 21- Crítica aplicada: o que para mim, seminarista, operário, funcionário, etc. este filme ensina;
- 22- Conclusões: de julgamento objetivo e justo

Demos aí vários métodos. O coordenador vai tomar pontos daqui e dali, e vai fazer um método especial para tal ocasião.

Cada filme deve variar o tipo de método. Suponhamos que o filme em questão seja: "Onde o mundo acaba" (Calabuig). O método seria seguido mais ou menos assim:

- o que o diretor quiz trazer com o filme?
- a parte comica não estorva a parte seria?
- os elementos sobre os quais foi construído o filme, são reais ou fictícios? (=pessoas, coisas, etc.)
- a linguagem cinematográfica ajudou o tema?
- e o desempenho dos personagens?

Assim, poderiam surgir outras questões a se propor para o debate, no caso deste mesmo filme.

Mas, não se esqueça do público, do filme e da finalidade do debate para fazer o esquema: em função desses pontos, you fará um esquema adequado para a ocasião; sempre em função de um público, principalmente.

Porém, outros esquemas poderiam ser inventados. Se você tiver um "estalo", e achar interessante aplicar esse seu "achado", aplique. Formas extraordinárias seriam, p.ex.:

- debate sobre um tema proposto: censura, transposição de peça literária, juventude, etc.
- debate com 2 coordenadores, cada um sustentando uma opinião diferente!
- debate sobre a interpretação numa cena (sugerido pelos participantes)
- filme policial: interromper em determinada hora, e lançar a pergunta: quem é o culpado? (p.ex., em "As Diabólicas")

O que importa, é que haja um debate. É interessante, também, - que em todo e qualquer esquema que se faça, o debate aborde os 3 pontos seguintes, básicos:

- parte tecno-artística
- valor humano dos temas
- crítica moral, e, se possível:
- crítica aplicada.

Fazer sempre o possível para abordar os 3 pontos acima citados; não ser que a finalidade do debate seja ou só artística, ou só de estudo do tema, ou moral. Então, essa parte será a estudada e atacada.

3- CONCLUSÃO

Pouco teríamos que falar.

A conclusão sempre deve existir, para que o debate não se torne mero exercício de intelecto.

A conclusão seja objetiva, real; expresse realmente o pensar da maior parte dos equipistas. Se não houve tal maioria, então será uma exposição dos diversos pensamentos.

c) APÓS O DEBATE

Que as conclusões sejam de todos conhecidas.

Acervo Digital... .000...

6. COMPLEMENTAÇÃO

Este complemento constará de três pequenos vocabulários, que terão o fim do manuseio: quem não tiver, no momento, nada melhor em mãos (ou na cabeça), então os vocabulários o ajudarão.

- Vocabulário teológico-moral;
- Vocabulário das diversas correntes estéticas e morais;
- Vocabulário cinematográfico;

Os dois primeiros são tirados "in totum", de uma publicação do Cine-club Pro Deo, "Cineforum", já citado acima (v.bibl.)

I) VOCABULÁRIO TEOLÓGICO-MORAL - Noções essenciais de Teologia Moral.

ATO HUMANO: é aquele e só aquele que procede da livre decisão do homem.

ATO MORAL: é aquele que se pratica livremente, tendo plena advertência da honestidade ou dishonestidade do objeto.

CONSCIÊNCIA: é o juízo próximo, prático, da moralidade da própria ação. Tal juízo deve ser verdadeiro, i.e., conforme a reta razão; e certo, para não violar o preceito de indagar se por acaso não se transgride uma lei ignorada mas possível de ser conhecida.

FELICIDADE: Possessão estável do Bem Perfeito e Sumo, em concreto, Deus.

FIM: aquilo pelo qual se pratica uma determinada ação humana.

LEI: Pode-se definir uma regra e uma medida dos atos, que induz a agir ou retrai da ação. A lei moral é a regra dos atos humanos enquanto tais, cujo efeito próprio é a obrigação, de tal forma que não se pode desobedecer sem que o homem se desvie do seu fim, ou, por outra, cometa pecado.

LÍCITO: aquilo que é permitido pela Lei.

LIVRE: chama-se o ato humano que procede da liberdade, i.e., da faculdade de agir ou não agir, de escolher antes isto do que aquilo, faculdade essa de que é dotado o homem.

MORALIDADE: é a qualidade que acresce ao ato humano como tal, a advertência ao objeto enquanto convém ou não convém ao homem, - como ser racional. Se o objeto convém a razão humana, o ato é honesto; se não convém, é deshonesto; se nem convém nem é inconveniente, é indiferente.

NORMA DE MORALIDADE: o elemento constitutivo da norma de moralidade, é a natureza humana; o elemento que a manifesta é a reta razão humana; o elemento que manda, proíbe ou permite, é a consciência.

OBJETO: é aquilo a que diretamente tende a vontade.

OBRIGAÇÃO: é a necessidade moral imposta pela lei à pessoa racional no sentido de fazer ou deixar de fazer alguma coisa.

PECADO: é a transgressão voluntária da lei moral.

PRINCÍPIOS DE MORAL: São os seguintes, entre outros:

Nada se quer que antes não seja conhecido, É bom o que em todas as suas partes essenciais é bom. Ninguém mente sem motivo (Nemo gratis mendax). É preciso fazer o bem e evitar o mal. Não é lícito fazer o mal para que dele derive o bem. Ninguém deve ser castigado por mau sem que haja provas (Nemo malus nisi probetur). Os pactos devem ser observados. Um só ato não constitui hábito. Ninguém é obrigado a fazer coisas impossíveis. Não se deseja o que não se conhece. O direito de conseguir um fim dá o direito aos meios correspondentes.

VOLUNTÁRIO: é o que procede da vontade, com o conhecimento intelectual do fim.

II) VOCABULÁRIO DAS CORRENTES ESTÉTICAS E MORAIS QUE INTERESSAM À CINEMATOGRAFIA:

ARCÁDIA: orientação artística que num clima campestre, ingênuo, e idílico, encontra a razão do seu estilo e do seu acento poético.

CETICISMO: doutrina e tendência que põe em discussão e nega parcialmente ou inteiramente o valor objetivo do conhecimento humano, e portanto a sua certeza.

CLASSICISMO: Movimento artístico, literário e poético que afirma a exemplaridade das literaturas e da arte clássica e formula a lei, o cânone fundamental da imitação dos modelos gregos e latinos.

CREPUSCULARIDADE: Atitude poética, que constrói um clima de penumbra, intimidade de coloquio consigo mesmo e de pecado descanço, feito de pequenas coisas, de nostalgias, de autoironia mesclada de tristeza.

CUBISMO: Movimento pictórico que acentua o valor do volume sobre o da cor, e tende a colher as íntimas exigências espaciais da coisa em si, a sua essência geométrica e a exaltar-lhe a sua simples impressão cromática.

DECADENTISMO: Orientação de espíritos que se dá depois das extremas expressões de uma forma de civilização, em todos os setores, com tendência a se inclinar sobre si, sem ajuda de experiências novas, sem procura de novos horizontes.

- EPICUREISMO:** Atitude prevalentemente ética que pretende iniciar o indivíduo a suportar e gozar do melhor modo uma existência, na qual não se sinta mais o elemento diretivo.
- ESPIRITUALISMO:** Afirmção da supremacia ou da autonomia do espírito da qual que, e antiespiritual: matéria, natureza, realidade corpórea, etc.
- EXISTENCIALISMO:** Atitude que exaspera as contradições, os paradoxos, a dramaticidade da existência humana, tende a construir um autêntico eu, irrepetível, fiel a si mesmo de qualquer forma.
- EXPRESSIONISMO:** Tendência artística que acentua a subjetividade da expressão na criação artística, sem liames e restrições de qualquer natureza.
- FUTURISMO:** Movimento artístico de reação ao impressionismo, que pretende apresentar a vida das coisas, representando-lhe a palpação, o movimento característico, i.e., a relação dinâmica entre objeto e ambiente.
- HUMANISMO:** Movimento que visa a potencialização do espírito humano na sua livre atividade, fora de todo constrangimento e de toda autoridade, mesmo a divina, que venha a sufocar a expansão vital.
- JANSENISMO:** Movimento teológico herético que nega à natureza humana a capacidade de realizar obras boas sem a graça e afirma que Deus predestina ao inferno, antecedentemente a qualquer consideração de mérito. Tétrico pessimismo que se pretende mitigar com a resignação.
- IMPRESSIONISMO:** Movimento artístico que acentua a objetividade da impressão na criação da arte, sem ligação a formas e tradições.
- IRRACIONALISMO:** Tendência para libertação dos esquemas e das idealizações unificadoras e necessariamente limitados da razão, das suas afirmações dogmáticas, para a pesquisa de uma interpretação mais clássica da realidade.
- MATERIALISMO:** Movimento que afirma como única realidade a matéria, negando toda verdadeira espiritualidade, da qual deriva uma ética edonística e utilitarista.
- MISTICISMO:** Atitude religiosa do espírito humano, face ao verdadeiro valor absoluto: Deus; ou face a valores tomados como absolutos: ciência, filosofia, arte, etc, com os quais de qualquer maneira se identifica e deles vive.
- MODERNISMO:** Movimento herético que pretende explicar a verdade católica, transformando-a de acordo com filosofias modernas racionalistas e subjetivistas.
- NATURALISMO:** Tendência artística no sentido de representar a natureza em suas manifestações concretas, fora de qualquer simbolismo, espiritualismo e transcendência.
- NEOCLASSICISMO:** Movimento que volta nos seus cânones de arte ao classicismo como inspiração, imitação e gosto.
- NEOREALISMO:** Movimento artístico que acentua a volta ao realismo nas suas formas mais espontâneas, violentas e escandalosas.
- POSITIVISMO:** Movimento que pretende ser a valorização do espírito naturalista e científico, contra as tendências declaradamente metafísicas e românticas.

- PROBATILISMO:** Sistema moral que admite como norma legítima de conduta, frente à incerteza da obrigação, uma opinião provável.
- PSICANÁLISE:** Escola que tende ao conhecimento do inconsciente humano a través da psique, medindo tudo pela realidade sexual.
- RACIONALISMO:** Movimento filosófico que não reconhece outra norma de saber senão a razão, na qual confia absolutamente.
- ROMANTISMO:** Movimento de reação ao clacissismo que sublinha o sentimento e calor humano na obra de arte e na realidade.
- SATANISMO:** Atitude humana de rebelião contra o criador, culto da condenação, pela afirmação orgulhosa do eu.
- SIMBOLISMO:** Doutrina que afirma como qualidade essencial da obra de arte o seu caráter simbólico.
- SUBJETIVISMO:** Tendência no sentido de atribuir, ao sujeito que conhece, a faculdade de absorver completamente a realidade objetiva.
- SURREALISMO:** Movimento que pretende ser manifestação imediata da mais secreta verdade humana, fora de categorias reais, antes acima delas, em plena liberdade, que se exprime por força de sua própria vitalidade.
- TITANISMO:** Atitude que tende a negar qualquer posição religiosa, para substituí-la por uma fé no homem levada à sua máxima expressão.

III) DICIONÁRIO MÍNIMO CINEMATográfico

- ARGUMENTO:** É a primeira fase da elaboração do manuscrito de um filme: pode provir de uma ideia ou de uma obra anterior, ou pode ser completamente original.
- ARTE CINEMATográfica:** existe só quando a idealização, realização, o ritmo do tema se fundem num resultado coerente e persuasivo; cumprem portanto a unidade narrativa e estilística.
- CAMPO VISIVO ou de TOMADA:** espaço abrangido pela câmera fotográfica, não só como delimitação do campo (enquadramento) mas também como profundidade, extensão, dentro de cujo espaço são compreendidos todos os elementos enquadrados.
- CENA E SEQUÊNCIA:** Indicam um complexo de ações e de diálogos e faz parte da cenarização.
- CENÁRIO:** indica o ambiente onde se efetua a filmagem e faz parte da cenografia.
- CENARIZAÇÃO:** é o manuscrito do filme com o qual se procura prever o futuro filme em todos os seus particulares, cena por cena, enquadramento por enquadramento, dando a indicação das ações, dos diálogos, dos rumores e da música de fundo.
- ENQUADRAMENTO:** é a delimitação do campo visivo conseguida pela câmera fotográfica - como posição, objetivo alcançado e distância do objeto - e, portanto, como o ponto de vista da própria máquina fotográfica.
- FILME VIVO OU ARTÍSTICO:** é aquele que possui uma alma, i.é, um tema humano e que produz a visão "uma impressão profunda, irreduzível a uma simples satisfação psicológica, afetiva ou estética". (H. Agel)

LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA: existe quando o tema, a sua impositação e realização (cenas, enquadramentos, montagem, ritmo) falam com os meios expressivos próprios da cinematografia, de maneira artística.

MEIOS EXPRESSIVOS DO CINEMA: o movimento da imagem é a base técnica do filme. Os meios expressivos do cinema derivam das possíveis variações de posição da máquina fotografica, que determinam os enquadramentos, em unidade narrativa e estilística (montagem).

MONTAGEM: em sentido técnico se entende quando se unem conjuntamente as várias cenas e, nas cenas os vários enquadramentos, de maneira que a ação tenha um ritmo todo peculiar seu. Em sentido estético é o princípio fundamental da arte cinematográfica: ele caracteriza a técnica do filme, dando-lhe forma de arte.

RITMO: é definido pelo tipo de montagem (duração dos vários trechos ou montagem com trechos longos etc.) e pela maior ou menor vivacidade da ação expressa como movimento dos objetos apanhados no enquadramentos.

ROTEIRO: é a fase intermédia de elaboração do manuscrito de um filme, entre o argumento no estado inicial e da cenarização dialogada. Determina os valores narrativos do filme. Corresponde à subdivisão do romance em capítulos.

TEMA: motivo substancial, ético ou estético, da idéia de um filme, cujas soluções são desenvolvidas no argumento, no roteiro e na cenarização.

TEMPO CINEMATOGRAFICO: é determinado pela montagem, que também o pode idealizar: é quase sempre igual ao tempo real num enquadramento; quase sempre mais breve do real no conjunto do filme; é mais longo que o real quando se faz uso de um processo de retardamento.

...oOo...

B I B L I O G R A F I A

- Para a Iª PARTE:
 - Encíclica "Vigilanti Cura", Pio XI, Vozes D.P.6, IVª ed.
 - Encíclica "Miranda prorsus", Pio XII, Vozes D.P. 123, IIª ed. 1960
 - Alocuções sobre o Filme Ideal, Pio XII, Vozes, D.P. 114, IIª ed. 1959
 - Curso de Cinema, publicação da ACB
 - "Caminhos do Cinema", Jose Rafael de Menezes. E. Agir
 - Curumin, órgão oficial do Clube de Cinema de Marília, nº50-51 - março-abril 1961
- PARA a IIª PARTE:
 - "O ABC cinematográfico", Carlos Ortiz, Ed. Iris-S.P.
 - "Iniciação ao cinema", J.B. Chartier e R.P. Desplanques - Ed. Agir, IIª ed., Rio de Janeiro.
 - Estatutos do Cine Clube Pro Deo - Porto Alegre
 - Estatutos do Cine-clubes Pio XI, da Academia S. Paulo - Seminário Central do Ipiranga - São Paulo
 - "Curso de Cinema", Humberto Didonet, publicação do Cine-clubes Pro Deo.

- Publicações do Cine-clube Pro Deo:
 - * Carta do Cardeal Dell'Acque ao Congresso Mundial do OCIC, em 1956
 - * Palestra de Humberto Didonet, na 2ª Jornada Católica de Cinema, no Rio de Janeiro, de 14 a 19 de dezembro de 1956
 - Cineclubismo, Lean Claude Bernardet, in Suplemento Literário, de "O Estado de São Paulo".
 - Cineclubismo, Ivo Mauri, art, in "O Seminário", nº1 1961
 - "Guia Cultural de Filmes", Humberto Didonet, Suplemento nº2, Ed. Paulinas, Porto Alegre
 - Encíclicas - v. in Primeira Parte.
- Para IIIª PARTE:
- "Regards Neufs sur Le Cinema", Ed. du Seuil, Paris
 - "Relações humanas na Família e no Trabalho", Pierre Weil, Co. Ed. Nacional, 8ª ed., São Paulo, 1959
 - "Cineforum", (de L. Guidetti?) publicação do Cine-clube Pro Deo, Porto Alegre,
 - "Como ser crítico cinematográfico", João Mohana, publ. do Cine-clube Vigilanti Cura, Viamão, 1956
 - "Cinema et culture", José Castaño, publ. da JOC Internacional, julho-agosto 1961.
 - "Curso de cinema", v. 2ª parte.
 - "Curso de cinema", Humberto Didonet, v. 2ª Parte.